

De Moyses



atos

do conselho geral

ano LXIX — julho-setembro, 1988

n. 326

**órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
congregação salesiana**

**ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO**

atos

do conselho geral
da sociedade salesiana
de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

n. 326

ano LXIX

julho-setembro

1988

1. CARTA DO REITOR-MOR	1.1. Pe. Egídio VIGANÓ "Procura fazer-te amar"	3
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	2.1. Pe. Paulo NATALI Formação permanente, um compromisso de fidelidade a Dom Bosco 2.2. Pe. Juan E. VECCHI O Oratório-Centro juvenil	20 30
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	NÃO HÁ NESTE NÚMERO	
4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1. Crônica do Reitor-Mor 4.2. Crônica do Conselho geral	36 37
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1. Dom Bosco e o mundo do trabalho. <i>Discurso do Reitor-Mor no Teatro "La Scala" de Milão</i> 5.2. Nova Visitadoria da África Leste 5.3. Novo Cardeal Salesiano 5.4. Novos Bispos Salesianos 5.5. Irmãos falecidos	50 57 58 58 61

1. CARTA DO REITOR-MOR

“PROCURA FAZER-TE AMAR”

Introdução — Acontecimento espiritual — Um símbolo da nossa Profissão — “Fazei-vos amar”, repete-nos Dom Bosco — Algumas urgências da nossa caridade pastoral: a) a centralidade de Cristo; b) o critério oratoriano; c) o cuidado das vocações; d) o envolvimento dos leigos. — Sempre confiados a Maria — Um centenário, fonte de bênçãos.

Roma, 31 de maio de 1988.

Queridos Irmãos,

o dia 14 de maio p.p., aniversário da primeira Profissão salesiana, corajosamente emitida por 22 jovens nas mãos de Dom Bosco em 1862, teve lugar em todas as comunidades e Inspetorias o rito mais significativo, para nós, das manifestações centenárias da morte do nosso Pai: o juramento de fidelidade ao seu carisma com a solene renovação da nossa Profissão religiosa.

Tive a alegria de presidir a celebração feita na basílica de N. Senhora Auxiliadora em Valdocco, lotada por quase mil irmãos das três Inspetorias piemontesas e por vários representantes de outras Casas no mundo. Um dia memorável, rico de significado espiritual e de esperança, em comunhão profunda com todos os Salesianos dos cinco continentes. No final, reunidos ao redor do altar de Dom Bosco e de seus restos mortais, ouvimos com emoção algumas recomendações paternas do seu testamento e fomos animados a continuar com generosa e inteligente criatividade a missão juvenil e popular, enquanto pedíamos com confiança o aumento das vocações. Quando saímos para o pátio, esperava-nos um bonito grupo de romeiros do Vale de Aosta, liderado pelo seu querido Bispo e animado pelos sons harmoniosos e alegres de uma banda juvenil. Um dos jovens músicos, com apenas 12 anos, segurou o microfone e nos dirigiu brevemente algumas palavras inesquecíveis: “Obrigado, a vocês todos salesianos por terem renovado a sua consagração a favor dos jovens no nome de Dom Bosco. Expressamo-lo nós, garotos do Vale de Aosta, descendentes daqueles limpa-chaminés que Dom Bosco hospedou aqui, nos inícios de sua obra. Os tempos mudaram (hoje nos apresentamos com a camisa branca), mas o coração experimenta os mesmos sentimentos de ontem diante do sucessor de Dom Bosco, ao qual desejamos tanta alegria no trabalho que sabemos constante e sacrificado para nós jovens! Obrigado!”.

Naturalmente pensamos que aqueles garotos do Vale de Aosta representavam tantos jovens do mundo e interpretavam os sentimentos de todos eles, olhando para a Profissão salesiana como ao “presente mais precioso” que lhes é oferecido ainda hoje por Dom Bosco ¹.

Acontecimento espiritual

Os comentários positivos dos irmãos evidenciaram o valor profundo deste acontecimento. Uma Congregação tão numerosa e universal quis, num mesmo dia por parte de todos os seus membros, renovar a escolha fundamental e a expressão máxima da própria fé: a opção batismal pelo Cristo, reassumida pessoalmente com pleno consentimento e definida comunitariamente segundo o projeto evangélico das Constituições. É a nossa aliança especial com o Senhor; um encontro de amor que assinala e orienta toda a vida; uma entrega total de nós mesmos a Deus e aos jovens; o sentido concreto e cristão de toda uma existência consagrada pelo poder do Espírito. É o ato mais expressivo da nossa liberdade de discípulos de Cristo. Justamente as Constituições nos afirmam que a Profissão “é uma escolha das mais altas para a consciência de quem crê, um ato que retoma e reconfirma o mistério da aliança batismal para sua expressão mais íntima e plena” ².

Estamos conscientes que foi um momento salesianamente rico e repleto de compromissos: expressão de uma amadurecida fidelidade; um acontecimento que faz do Centenário uma plataforma de relançamento espiritual e apostólico. Preparamo-nos longamente para que o gesto não ficasse reduzido a uma simples formalidade e estamos convencidos que naquele dia aumentou o nível de graça na Congregação e que em breve experimentaremos os benéficos efeitos.

Sermos fiéis ao carisma de Dom Bosco foi a grande preocupação destes decênios após o Concílio; meditamos, discutimos, trabalhamos e experimentamos tanto. Deus e Nossa Senhora nos ajudaram a reelaborar validamente a nossa Regra de vida com o olhar fixo ao mesmo tempo nas origens e nos tempos novos. A

¹ Cf. Const. 25.

² Const. 23.

Sé Apostólica, aprovando as Constituições renovadas, assegurou “a autenticidade evangélica do caminho traçado pelo fundador e reconhece nele um bem especial para todo o povo de Deus”³.

Por isso juramos fidelidade. Fizemo-lo com alegria e esperança, convencidos de dar “uma resposta sempre renovada à Aliança especial que o Senhor fez conosco”, enquanto recordávamos com confiança que “a nossa perseverança se apóia totalmente na fidelidade a Deus que nos amou por primeiro, e é alimentada pela graça da sua consagração. É ainda sustentada pelo amor aos jovens aos quais somos enviados”⁴.

Um símbolo da nossa Profissão

O novo “Ritual da Profissão religiosa” para a nossa Sociedade prevê a entrega de um símbolo especial da consagração salesiana. Por isso a 14 de maio foi entregue, durante a renovação da Profissão, uma medalha de Dom Bosco aos irmãos com votos temporários, e uma “cruz do Bom Pastor” aos irmãos perpétuos.

O artista que idealizou a medalha, Heitor Calvelli, quis criar um rosto de Dom Bosco que expressasse o seu coração oratório (“Da mihi animas”) e o seu carácter decidido, empreendedor e inspirado, como modelo vivo para todo neo-professo, um verdadeiro Mestre da prática educativa salesiana, com um olhar penetrante que conquista os ânimos numa comunhão familiar de ideais e de amizade para o crescimento alegre e responsável de uma vida apostólica consagrada. Deixou-se livre o outro lado da medalha para que se possa gravar o nome do irmão que a recebe, como sinal de intenção da sua vontade de compromisso definitivo⁵.

Por sua vez o artista da cruz, Giandomenico Sergia, presenteou-nos o que eu considero o símbolo mais expressivo da nossa característica na Igreja, num círculo colocado no ‘centro’ da cruz, uma representação do Bom Pastor, ou seja, de Jesus Cristo, que é o verdadeiro “inventor e modelo insuperável da Pastoral”. A gravura foi inspirada na famosa pintura do II século que se encontra nas catacumbas de Priscila em Roma e lembra a parábola do Bom Pastor no Evangelho de S. João⁶; Jesus carrega no ombro um cor-

³ Const. 92.

⁴ Const. 195.

⁵ Cf. Const. 24.

⁶ Cf. Jo 10, 1-19.

deiro e dois outros estão aos seus pés; aos lados da expressiva figura o artista colocou duas pequenas árvores, e sobre cada uma delas está uma simbólica pomba que no bico segura um ramo de oliveira.

É uma gravura muito significativa, rica de genuína tradição cristã, que dá confiança, ensina bondade e sacrifício, exclui a violência e deseja paz e esperança. Lembra-nos as imortais palavras do Evangelho: “eu conheço minhas ovelhas e elas me conhecem. Eu dou a vida pelas ovelhas. Tenho também outras ovelhas que não são deste redil. Também a elas eu devo conduzir; elas ouvirão a minha voz e haverá um só rebanho e um só pastor”⁷.

No outro círculo, oposto à cruz, aparece uma frase de Dom Bosco que, gravada com sua assinatura, diz: “Procura fazer-te amar. Sac. Gio. Bosco”. É a marca salesiana do espírito e do método pastoral a favor dos jovens. Esta frase tão sugestiva foi escrita pelo nosso Pai em 1863, numas notas que entregou ao Pe. Rua quando o mandou como primeiro diretor a Mirabello: “Como não posso estar sempre ao teu lado... falo-te com a voz de um pai afetuoso que abre o seu coração a um dos seus queridos filhos”; apresenta-lhe vários conselhos, entre os quais aparece aquele de fazer-se amar⁸.

Certamente esta frase tão significativa ocupa uma posição estratégica no espírito salesiano. O próprio Dom Bosco repeti-la-á ao mesmo Pe. Rua, escolhido como seu sucessor, no leito de morte; as Memórias Biográficas afirmam de fato que “uma das últimas palavras pronunciadas por Dom Bosco ao Pe. Rua foi esta: faze-te amar”⁹. Podemos lembrar ainda como na famosa carta de Roma, escrita no mês de maio de 1884, Dom Bosco insista exatamente sobre o fato que “não basta amar”, mas que é necessário saber “fazer-se amar”¹⁰.

Os seus ex-alunos asseguram explicitamente que Dom Bosco recebera de Deus em grau máximo o dom de fazer-se amar¹¹; o Pe. Álbera recorda-o numa circular inesquecível: “é necessário dizer que Dom Bosco nos amava de maneira única, toda dele: experimentava-se a atração irresistível... sentia que era amado de uma maneira nunca experimentada antes... particularmente

⁷ Cf. *Jo* 10, 14-16.

⁸ MB 7, 524.

⁹ MB 18, 537.

¹⁰ MB 17, 107-114.

¹¹ MB 17, 482.

superior a qualquer outro afeto: envolvia-nos a todos inteiramente quase numa atmosfera de alegria e de felicidade... Ele atraía-nos a si pela plenitude do amor sobrenatural que irradiava de seu coração”¹². O próprio Dom Bosco costumava afirmar que o Sistema Preventivo é o amor que atrai os jovens a fazer o bem: Deus, sendo Amor, quer que todas as coisas sejam feitas por amor.

Também o Card. Cagliero testemunha que quando foi encarregado de seguir o recém-fundado Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora conversava muito com Dom Bosco e que “Ele sempre admirável, acalmava-me dizendo: ‘Você conhece o espírito do nosso Oratório, o nosso Sistema Preventivo e o segredo de fazer-se amar...’”¹³.

Também o teólogo Piano, ex-aluno da primeira hora e pároco da Igreja “Grande Madre di Dio” afirmou dirigindo-se a Dom Bosco na última festa de 1887: “terminará de bater este coração antes que eu deixe de amar-vos; amar a vós, nós o consideramos como sinal do amor de Deus”¹⁴.

Trata-se, portanto, de um “fazer-se amar” que é expressão de uma espiritualidade e de uma metodologia apostólica particularmente originais.

“Fazei-vos amar”, repete-nos Dom Bosco

Devemos reconhecer que esta mensagem profética deixada pelo nosso Fundador dá uma visão original a toda a nossa “consagração apostólica”. Se no dia 14 de maio prometemos todos juntos sermos fiéis à Profissão religiosa, devemos saber aprofundar e dar particular destaque a esta mensagem. Ela assegura no tempo a verdadeira identidade do espírito salesiano e a genuína metodologia da nossa prática educativo-pastoral.

Vejam algumas expressões das Constituições que no-lo confirmam com absoluta clareza:

Art. 1: O Espírito Santo formou em Dom Bosco “um coração de pai e mestre, capaz de doação total”.

¹² P. ALBERA, *Don Bosco nostro modello, 18 ottobre 1920*, em “Lettere circolari”, Direzione Generale, Turim, 1965, p. 372-374.

¹³ Cf. MACCONO, *S. Maria D. Mazzarello*, I, 274, Ed. Istituto FMA, Turim, 1960.

¹⁴ MB 18, 366.

Art. 2: O projeto deixado pelo nosso Fundador é de “sermos na Igreja sinais e portadores do amor de Deus aos jovens, especialmente aos mais pobres”.

Art. 4: “Inspirando-se na bondade e no zelo de S. Francisco de Sales, Dom Bosco deu-nos o nome de Salesianos”; um nome que especifica a nossa identidade exatamente como apóstolos incansáveis e bondosos.

Art. 8: A presença de Maria na história do carisma salesiano e o nosso ato de entrega a Ela são orientados “para nos tornarmos entre os jovens testemunhas do amor inexaurível do seu Filho”.

Art. 10: O espírito salesiano que nos transmitiu Dom Bosco sob a inspiração de Deus tem como “seu centro e síntese a caridade pastoral”.

Art. 11: A fonte desta caridade pastoral é o próprio coração de Cristo na “atitude do Bom Pastor que conquista com a mansidão e o dom de si”.

Art. 14: “A nossa vocação é assinalada por um dom especial de Deus, a predileção pelos jovens: “Basta que sejais jovens para que eu vos ame muito”. Este amor, expressão da caridade pastoral, dá sentido a toda a nossa vida”.

Art. 15: Cristo Bom Pastor quer que o Salesiano entre os jovens seja “aberto e cordial, pronto a dar o primeiro passo e a acolher sempre com bondade, respeito e paciência. Seu afeto é o de um pai, irmão e amigo, capaz de criar correspondência de amizade. Sua castidade e seu equilíbrio abrem-lhe o coração à paternidade espiritual e deixam transparecer nele o amor proveniente de Deus”.

Art. 16: O espírito de família deve caracterizar toda casa salesiana; ela “torna-se uma família quando o afeto é correspondido... (e quando) em clima de confiança mútua e perdão cotidiano, experimenta-se a necessidade e a alegria de tudo compartilhar”.

Art. 17: O amor traz consigo o otimismo e a alegria; o Salesiano “acredita nos recursos naturais e sobrenaturais do homem embora não lhe ignore a fraqueza... Difunde essa alegria e sabe educar à felicidade da vida cristã e ao sentido da festa”.

Art. 18: O estilo de amabilidade é sustentado e defendido pelo trabalho e pela temperança: “o Salesiano entrega-se à sua

missão com operosidade incansável; (e) a temperança reforça-lhe a guarda do coração e o domínio de si, e o ajuda a manter-se sereno”.

Art. 19: A maneira de fazer-se amar é, ainda, criativa e animada continuamente pelo espírito de iniciativa, flexível e inteligente: “No que é de vantagem da juventude periclitante ou serve para ganhar almas para Deus — dizia Dom Bosco —, eu corro para frente até a temeridade”.

Art. 20: O Sistema Preventivo é apresentado como “um amor que se doa gratuitamente, nutrindo-se da caridade de Deus... (É um) modo de viver e trabalhar para comunicar o Evangelho e salvar os jovens, com eles e por meio deles. Impregna o nosso relacionamento com Deus, as relações pessoais e a vida de comunidade no exercício de uma caridade que sabe fazer-se amar”.

Art. 25: O “Sistema” de Dom Bosco levou e leva metodologicamente à santidade, “revela o valor único das bem-aventuranças, e é o dom mais precioso que podemos oferecer aos jovens”.

Art. 38: A ação educativa e pastoral do Salesiano “não apela para pressões, mas para as fontes da inteligência, do coração e do desejo de Deus, que cada homem traz nas profundezas do seu ser. Associa numa única experiência de vida educadores e jovens, em clima de família, de confiança e de diálogo”.

Art. 39: A prática desta metodologia pede uma presença ativa e amigável entre os jovens: “exige de nós uma atitude fundamental: a simpatia e a vontade de contato com os jovens”.

Art. 40: A experiência espiritual e apostólica de Dom Bosco em Valdocco continua sendo para nós critério permanente de discernimento e renovação: “o seu primeiro Oratório foi para os jovens casa que acolhe, paróquia que evangeliza, escola que encaminha para a vida e pátio para se encontrarem como amigos e viverem com alegria”.

Art. 61: O testemunho dos conselhos evangélicos ajuda extraordinariamente a fazer-se amar; eles, “favorecendo a purificação do coração e a liberdade espiritual, tornam solícita e fecunda nossa caridade pastoral”. E o art. 63 acrescenta: “plasmando inteiramente seu coração para o Reino (os Conselhos evangélicos) ajudam-no a discernir e a acolher a ação de Deus na história; e transformam-no num educador que anuncia aos jovens ‘novos céus e nova terra’, estimulando neles os compromissos e a alegria da esperança”.

Art. 81: A amabilidade de Dom Bosco exige uma castidade sem meio termo que seja sinal distintivo dos Salesianos, como virtude que eles devem sumamente cultivar. “A nossa tradição considerou sempre a castidade como virtude irradiante, portadora de mensagem especial para a educação da juventude. Faz de nós testemunhas da predileção de Cristo pelos jovens, permite-nos amá-los sinceramente de modo que ‘saibam que são amados’ e nos torna capazes de educá-los ao amor e à pureza”. Por isso o salesiano deve recorrer — como sugere o art. 84 — “com fiel confiança a Maria Imaculada e Auxiliadora, que o ajuda a amar como Dom Bosco amava”.

Estas rápidas e claras afirmações das Constituições evidenciam a importância do tema e o seu valor que caracterizam a nossa Profissão religiosa, ao ponto de justificar a escolha como expressão de um estilo de identidade. Ele dá um acento original ao espírito salesiano e à nossa prática educativa e pastoral.

É verdade: a santidade exige sempre uma profunda humildade, que exige a perda de si mesmos na prática de um autêntico esvaziamento do próprio eu. A imitação de Cristo ensina a desejar sermos desconhecidos e considerados como nada (“ama nesciri e pro nihilo reputari”) ¹⁵. Trata-se de um sábio conselho monástico, em si fundamental; que porém não pode ser aplicado a todos da mesma maneira.

Na vida ministerial e apostólica deve-se ter em conta a exigente afirmação de São Paulo: “Peço-vos que me imiteis” ¹⁶; “sede meus imitadores, como eu sou imitador de Cristo” ¹⁷; “meus irmãos, fazei como eu, olhai para aqueles que seguem o nosso exemplo” ¹⁸. São Paulo nos ensina que devemos revestir-nos de Cristo, assim que Ele substitua o nosso eu e possamos afirmar com toda verdade: “para mim viver é Cristo” ¹⁹; “não sou mais eu que vivo: é Cristo que vive em mim. A vida que agora estou vivendo neste mundo vivo-a pela fé no Filho de Deus que me amou e quis morrer por mim” ²⁰.

Esta mística apostólica é aquela que impregna o coração e o ministério de Dom Bosco. Ela exige uma ascese bem exigente de

¹⁵ Livro I, cap. 2, n. 3; e Livro III, cap. 15, n. 4.

¹⁶ *1Cor* 4,16.

¹⁷ *1Cor* 11,1.

¹⁸ *Fl* 3,17.

¹⁹ *Fl* 1,21.

²⁰ *Gl* 2,20.

maneira que o esvaziamento de si mesmo consiga dar à própria vida uma transformação que a transforme numa “existência sacramental” porque propõe a si próprios como sinais e portadores do amor de Cristo. É verdadeiramente impossível uma santidade sem humildade; mas existe também uma humildade alcançada com a prática de particulares virtudes especialmente de caráter social, que pode ser qualificada como “sacramental”, no sentido que torna a existência do discípulo significativa e atraente por conter o mistério de Cristo e por comunicá-lo através da própria vida. Tudo isto fundamenta e justifica a espiritualidade e a metodologia apostólica do “fazer-se amar”: sejam seus imitadores, como também eu sou do Cristo!

Algumas urgências da nossa caridade pastoral

Renovar solenemente a Profissão religiosa neste Ano centenário comporta certamente alguns propósitos para o futuro. Não preparamos para o 14 de maio uma simples cerimônia devocional, mas expressamos solenemente uma decidida vontade de nos sentirmos Salesianos para os tempos novos com a capacidade de responder aos desafios atuais. Fui-me questionando já faz algum tempo quais poderiam ser, neste sentido, alguns dos aspectos mais estratégicos a serem potencializados em toda a Congregação.

Examinaremos alguns, os mais vitais, de acordo com quatro artigos das Constituições, cuja “observância” incidirá muito positivamente na nossa renovação. Assim compreender-se-á melhor que “observar a Regra” exige uma atitude de compromisso ativo e constante para conhecer, estudar, discernir, projetar, rever, colaborar e trabalhar alegremente e, sobretudo, intensamente rezar.

a. A centralidade do Cristo

O *artigo 3* das Constituições diz que a nossa é uma “vida de discípulos do Senhor” e que nós nos oferecemos totalmente a Deus “para caminhar no seguimento de Cristo e trabalhar com Ele na construção do Reino”.

Por causa deste nosso oferecimento, que é em si uma graça recebida, Deus Pai “nos consagra com o dom do seu Espírito e nos envia para sermos apóstolos dos jovens”. O dom do Espírito envolve o nosso coração com sua potência suave e torna-nos capazes de uma plena fidelidade a esta vida de discípulos. O segredo

do sucesso está em saber alicerçar constantemente os laços da nossa preciosa aliança com Deus.

Sabemos que o que a pode enfraquecer é a superficialidade espiritual, e o que a pode assegurar cotidianamente é o encontro com Cristo-Eucaristia.

Portanto: a solene renovação da Profissão lembra a cada irmão o cuidado em sua vida da constante centralidade de Cristo: tudo dEle, com Ele e por Ele! É exatamente por esse motivo (também a pedido de vários irmãos) que na minha primeira circular deste Ano centenário quis tratar atentamente o tema da "Eucaristia no espírito apostólico de Dom Bosco"²¹.

Peço-lhes, queridos irmãos, que façam constante objeto de meditação os conteúdos desta circular, se quiserem ser capazes de "observar" de verdade o importante artigo 3, que ilumina os conteúdos da fórmula da nossa Profissão²².

b. *O critério oratoriano*

Uma outra orientação das Constituições que nos compromete com particular atualidade nos é dada pelo *artigo 40*; nele afirma-se que "ao realizarmos hoje nossa missão, a experiência de Valdocco continua critério permanente de discernimento e renovação de cada atividade e obra".

Esse critério exige que se inicie antes de mais nada pela condição juvenil dos garotos mais necessitados e das classes populares ("opção preferencial pelos pobres"!) com a preocupação central de uma formação cristã ("paróquia que evangeliza") mas ao mesmo tempo de tipo familiar ("casa"), de promoção humana ("escola") e de estilo cultural e desportivo alegre ("pátio"). É uma modalidade de intervenção característica do nosso carisma. Propõe-nos um programa de revisão e de criatividade pastoral de acordo com os vários graus de cultura e de fé em que se encontra a juventude.

Num nível mais alto não poderá faltar uma clara proposta de espiritualidade juvenil que assegure entre os jovens um grupo deles mesmos que se torne válido fermento de evangelização entre os colegas ("movimento juvenil salesiano"). Dom Bosco soube

²¹ Cf. ACG n. 324, janeiro-março de 1988.

²² Cf. Const. 24.

realizar uma experiência pedagógica de santidade juvenil e demonstrou metodologicamente a vitalidade de um tão elevado objetivo com resultados surpreendentes. Devemos estar convencidos e sermos animados promotores desta sua sábia pastoral, sem deixar-nos levar por modas “secularistas” ou “populistas” que às vezes, infelizmente, poderiam diluir o nosso carisma em projetos horizontais ou em correntes sócio-políticas.

c. *O cuidado das vocações*

No capítulo dos destinatários da nossa missão, as Constituições, no *artigo 28*, nos lembram “que muitos dentre os jovens são ricos de recursos espirituais e apresentam germes de vocação apostólica”. Concretamente isto significa que devemos saber implantar as nossas várias presenças também em ambientes sociais com sensibilização cristã e, além disso, lançar iniciativas associativas específicas de maneira que nós possamos ajudar tantos jovens “a descobrir, acolher e amadurecer o dom da vocação laical, consagrada, sacerdotal, em benefício de toda a Igreja e da Família Salesiana”.

Considero oportuno a este respeito insistir sobre duas claras indicações constitucionais que comprometem objetivamente quem renovou a Profissão salesiana com sinceros propósitos de fidelidade. A primeira é a de sublinhar que entre as finalidades específicas da Congregação existe a vontade de sermos fiéis a Dom Bosco “cultivando de modo particular as vocações apostólicas”²³. A segunda é a de insistir sobre a responsabilidade da Comunidade inspetorial, e portanto de cada casa, para “coordenar e avaliar o trabalho apostólico, favorecer a colaboração e animar a pastoral vocacional”²⁴.

As Constituições nos asseguram que esta é uma tarefa de “colaboração com os desígnios de Deus, coroamento de toda a nossa ação educativo-pastoral, (que deve ser) sustentada pela oração e pelo contato pessoal, sobretudo na direção espiritual”²⁵.

Queridos irmãos, deve-se lamentar nalguns lugares um empobrecimento entre os sócios sacerdotes da sua preciosa prestação

²³ Const. 6.

²⁴ Cf. Const. 58.

²⁵ Const. 37.

no serviço ministerial do sacramento da Reconciliação, ao qual Dom Bosco dedicava-se inteiramente e ao qual dava uma extraordinária importância pedagógico-pastoral, de maneira especial para o crescimento da vocação.

As nossas comunidades, ainda, deveriam testemunhar um clima de alegre convivência e de grande trabalho que “desperte nos jovens o desejo de conhecer e seguir a vocação salesiana”²⁶, assim que cada casa torne-se “fermento de novas vocações segundo o modelo da primeira comunidade de Valdocco”²⁷.

Cada irmão deve sentir-se comprometido nesta delicada e indispensável obra, começando pela oração até a proposta explícita e pedagogicamente adequada.

Cada um dos Diretores, neste aspecto, possui uma peculiar e insubstituível responsabilidade: ele “não pode chamar-se verdadeiro filho de Dom Bosco se... não procura com todos os modos suscitar o maior número possível de vocações no campo que a Providência lhe confiou”²⁸.

d. *O envolvimento dos leigos*

Por fim, o *artigo 5* das Constituições nos pede para promover de verdade a Família salesiana. Entre os grupos que a compõem, a Associação dos Cooperadores e aquela dos Ex-alunos são formadas prevalentemente por leigos. Temos em relação a elas, por vontade do Fundador, uma particular responsabilidade: “manter a unidade do espírito e estimular o diálogo e a colaboração fraterna para mútuo enriquecimento e maior fecundidade apostólica”. Falando do Conselheiro para a Família salesiana, as Constituições afirmam que ele “orienta e assiste as inspetorias, para que em seus territórios se desenvolvam, segundo os respectivos estatutos, a Associação dos Cooperadores Salesianos e o movimento dos Ex-alunos”²⁹.

Se quisermos viver integralmente a nossa Profissão, colocando em prática o artigo 5 das Constituições, devemos abrir muito mais os nossos horizontes sobre o laicado. É, esta, uma clara exigência do Concílio Ecumênico Vaticano II e uma diretriz pas-

²⁶ Const. 16.

²⁷ Const. 57.

²⁸ Cf. *Il Direttore Salesiano*, Ed. SDB, Roma, 1986, n. 122-124.

²⁹ Const. 137.

toral muito concreta do último Sínodo dos Bispos. Estamos esperando a Carta apostólica do Santo Padre para iluminar ainda melhor este nosso compromisso. Eu, várias vezes, já insisti sobre este tema, lembrando o pensamento e o exemplo de Dom Bosco³⁰: é necessária uma maior consciência de “observação dinâmica” sobre o assunto e uma dedicação muito mais concreta, seja em nível inspetorial seja em cada comunidade local. A falta de crescimento neste setor seria um metro para avaliar uma eventual falta de fidelidade a Dom Bosco.

Não é esta uma tarefa fácil, nem só organizativa; exige um autêntico espírito salesiano e um forte zelo eclesial animado pelo “da mihi animas”.

Aqui gostaria de insistir ardentemente junto aos Inspetores sobre a urgência de indicar Delegados verdadeiramente válidos; e junto aos Diretores, sobre o indispensável compromisso das suas comunidades. A vida destas Associações e o seu crescimento está sobretudo alicerçada nos centros locais, onde mais é possível intensificar o espírito e promover a ação.

Será útil que os Inspetores e Diretores meditem com atenta vontade de realização as indicações dos nossos Regulamentos gerais³¹ sobre os Cooperadores e os Ex-alunos, e ainda que releiam cuidadosamente o que foi escrito sobre isso nos dois recentes manuais de governo: “O Inspetor salesiano” e “O Diretor salesiano”³².

Como podem ver, queridos irmãos, a fidelidade promovida no dia 14 de maio p.p. tem algumas exigências bem concretas de profundidade e de criatividade que lançam a “observância” do nosso Projeto salesiano de vida numa órbita a ser percorrida de acordo com a velocidade desejada pelo Espírito na Igreja e com uma sempre renovada criatividade.

Os quatro aspectos que brevemente comentamos são uma confirmação estimuladora. A Congregação tanto mais elevará o seu nível de profundidade espiritual, quanto mais se convencer e viver a centralidade de Cristo, o critério oratoriano, o cuidado pelas vocações e o envolvimento dos leigos.

³⁰ Cf. ACG n. 317, 318, 321.

³¹ Regul. 36, 38, 39.

³² *L'Ispettore Salesiano*, Ed. SDB, Roma, 1987, n. 342-344;
Il Direttore Salesiano, Ed. SDB, Roma, 1986, n. 142-144.

Sempre confiados a Maria

O Ano centenário de Dom Bosco (com a inesquecível renovação da Profissão religiosa) coincidiu até agora com o extraordinário Ano mariano proclamado pelo Santo Padre em preparação ao Ano Dois mil.

Lembrando o filial Ato de entrega feito por toda a Congregação no dia 14 de janeiro de 1984, no início do último Capítulo Geral que nos entregou o texto definitivo das Constituições e dos Regulamentos gerais, nós acreditamos que tudo aquilo que fez para Dom Bosco nas origens do nosso carisma, o fez também no trabalhoso período de renovação pós-conciliar e o continuará a fazer na estrada rumo ao Terceiro milênio. Proclama-o explicitamente o texto constitucional no artigo 8, seja fazendo referência às origens seja aos novos tempos.

A entrega à Auxiliadora deve ser cultivada na intimidade de cada irmão, meditada e renovada com frequência, como estímulo espiritual e de concreta eficácia para a vitalidade e o vigor da nossa consagração. Maria de fato vai-nos inserindo naturalmente no Espírito, ajudando-nos a adquirir uma consciência cada vez maior de que para nós viver é Cristo. Ela é o testemunho mais eloquente e o auxílio mais concreto e mais envolvente seja da presença vivificante do Espírito Santo, seja dos vínculos profundos e vitais com Deus. Ninguém nos pode manifestar mais objetivamente do que Ela a ação do Paráclito que incorpora os fiéis à vida ressuscitada do Filho, e ninguém mais do que Ela nos faz trilhar com mais aderência e bondade a nos esquecer de nós mesmos e a viver dEle para fazer-nos amar.

Maria proclama magnificamente em si mesma a mudança de qualidade da Encarnação e da Redenção, que une definitivamente a transcendência do Mistério com o ordinário do cotidiano, a coerência da eternidade com o devir do tempo, a vida da ressurreição com os acontecimentos do eu mortal até fazê-lo alcançar aquela íntima “transpersonalização” pela qual reveste-se de Cristo e vive dEle. Maria mostrou os misteriosos valores desta mudança de qualidade com uma atitude de fé tão sublime ao ponto que foi definida como “Aquela que acreditou”. A sua fé concentrou-se, por obra do Espírito Santo, no Cristo, gerado e desenvolvido nEla, crescido e educado com Ela, envolvendo-A sempre mais explicitamente na sua missão até a plenitude do Calvário quando tornou-se, por testamento, a Mãe da humanidade.

Se para São Paulo a fé fazia exclamar: “para mim viver é Cristo”, com maior razão o coração crente de Maria lhe devia sugerir: “não sou mais eu que vivo, é Cristo que vive em mim. A vida que agora vivo neste mundo, vivo-a pela fé no Filho de Deus (que é também meu filho)!”.

Mas também Maria, elevada ao céu, vive perenemente com Cristo olhando para a história, intercedendo ininterruptamente com solicitude materna. Na sua qualidade de “Auxiliadora, Mãe da Igreja”, espalha ao longo dos séculos os copiosos frutos desta mudança de qualidade, iniciado em seu seio com a concepção do Verbo encarnado e levado à plenitude na vitória pascal. Assim Maria continua ao longo da história a gerar Cristo no coração de todo fiel para que o seu eu possa “cristificar” tornando-se sinal e portador do amor divino e sendo, em comunhão com os outros fiéis, aquele “Sacramento universal de salvação” que é a Igreja peregrina entre os povos.

A certeza cotidiana da nossa entrega a Maria assegura-nos o auxílio de uma Mãe, as sugestões de uma Mestra, as indicações seguras de uma Guia, justamente com as claras notas da identidade e fidelidade salesiana; inspira as tempestivas respostas aos desafios dos tempos e reforça as energias da nossa criatividade pastoral com vistas à exigente missão juvenil e popular. A entrega a Maria deveria acompanhar cotidianamente a perspectiva de futuro da nossa Profissão.

Meditemos com atitude orante o que nos dizem as Constituições: “A Virgem Maria indicou a Dom Bosco seu campo de ação entre os jovens e constantemente o guiou e sustentou sobretudo na fundação da nossa Sociedade. Cremos que Maria está presente entre nós e continua a sua ‘missão de Mãe da Igreja e Auxiliadora dos Cristãos’ ”³³.

Um centenário, fonte de bênçãos

Para concluir vejamos rapidamente como foram os primeiros quatro meses deste “Ano de graça” que vivemos lembrando a memória profética de Dom Bosco. Estamos constatando, agradecidos, uma verdadeira predileção de Deus.

A estréia da “pedagogia da bondade” teve, podemos dizer, como magistral comentário, nada mais do que a magnífica Carta

³³ Const. 8.

apostólica do Papa, *Juvenum Patris*, que apresentou a mensagem de santidade pedagógica de Dom Bosco a toda a Igreja.

As igrejas escolhidas para o nosso Jubileu estão recebendo um número cada vez maior de romeiros (especialmente de jovens) sobretudo e de maneira extraordinária as de Valdocco e dos Becchi.

A renovação da Profissão religiosa e especiais Exercícios Espirituais foram uma intensa expressão de profundidade espiritual.

As numerosas celebrações, na periferia e no centro (das quais participei ou das quais tive notícias) superaram de muito toda expectativa e serviram para fazer conhecer Dom Bosco, para atuar seus ensinamentos e relançar o espírito e o trabalho dos grupos que compõe a Família salesiana.

As publicações até agora aparecidas estão enriquecendo qualitativamente o patrimônio da nossa literatura histórica, pedagógica e espiritual.

O Movimento juvenil salesiano cresceu em sua identidade e em entusiasmo e está-se preparando com verdadeira consciência o "Debate DB 88".

Em tantas dioceses dos vários continentes realizaram-se iniciativas de estudo, de oração e de um novo projeto de Pastoral juvenil inspirada em Dom Bosco.

Também no campo civil realizaram-se em vários Países manifestações com grande significado social e de agradecida memória (encontros celebrativos, encontros de estudo, monumentos, selos, moedas, medalhas, hinos, shows musicais, espetáculos de prestigitação e manifestações artísticas de diferentes modalidades) que focalizaram diferentes aspectos da figura verdadeiramente multiforme do nosso Pai; no México ouvi, cantado por multidões, um bonito refrão: "o seu coração é grande como as areias do mar, e também depois de cem anos não parou de amar!".

E estamos esperando ainda não poucos outros acontecimentos, marcados pela graça.

O que mais comove é ver que se está aprofundando a espiritualidade de Dom Bosco, o interesse cada vez mais amplo que a sua pedagogia desperta e, sobretudo, a explosão da simpatia e da amizade para com ele de um número incalculável de jovens de todos os povos.

Na verdade: o Centenário mostra-nos de mil maneiras a atualidade e a urgência do carisma de Dom Bosco no mundo e na Igreja! A nós compete renovar a nossa fidelidade e o nosso espírito de criatividade com humilde e inteligente atitude filial: "O Senhor nos deu Dom Bosco como pai e mestre. Nós o estudamos e imitamos, admirando nele esplêndida harmonia de natureza e graça... Estes dois aspectos fundiram-se num projeto de vida fortemente unitário: o serviço dos jovens. Realizou-o com firmeza e constância, por entre obstáculos e canseiras, com a sensibilidade de um coração generoso"³⁴. E a mais singular característica do seu coração generoso é aquela santidade pastoral pela qual soube "fazer-se amar" de uma maneira particular.

Olhando a bonita "cruz do Bom Pastor", símbolo da nossa consagração apostólica, ouvimos cotidianamente a exortação de Dom Bosco: "Procura fazer-te amar", como orientação autorizada de vida pessoal e comunitária.

Saúdo particularmente a cada um assegurando a minha lembrança cotidiana na Eucaristia. Dom Bosco intercede!

Afeiçoadíssimo

A handwritten signature in black ink, reading "P. Egidio Vignani". The signature is written in a cursive style with a horizontal line underneath the name.

³⁴ Const. 21.

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

2.1. FORMAÇÃO PERMANENTE, UM COMPROMISSO DE FIDELIDADE A DOM BOSCO

A comunidade local, "natural ambiente de crescimento vocacional"

Pe. Paulo NATALI

Conselheiro para a Formação

Introdução

Para dar força às celebrações do centenário nos colocamos "numa espécie de estado de noviciado para um mais intenso e prolongado trabalho de formação permanente" (cf. ACG 319,13). Assim escrevia o Reitor-Mor e acrescentava: "Propomo-nos fazer do 88 um ano de reflexão e de propósitos de santidade salesiana". Será sinal visível a solene renovação da nossa profissão religiosa.

Estes convites e estes compromissos nos lembram o texto constitucional onde se diz que os Salesianos se apresentam tais porque aprendem a modelar a própria vida na de Dom Bosco (cf. Const. 97) e concretizam esta fidelidade num processo formativo que dura toda a vida (Const. 98).

Vocês devem lembrar, a formação permanente entrou no nosso ambiente, no começo, como exigência irrenunciável de renovação conciliar. O CGS a traduziu naquela atitude de docilidade ao Espírito Santo que garante na continuidade e na novidade a ritualização do carisma salesiano. Os acentos explícitos que fez foram porém poucos e de caráter prático. O CG 21 entendeu "repropor sistematicamente este assunto" (CG 21,307) e ofereceu uma reflexão sobre seus diferentes aspectos: sobre os conceitos, as motivações, o sujeito, os objetivos, as áreas de ação mais significativas (cf. nn. 314-342). O CG 22, também se considera a formação permanente uma atitude de primeira importância para a pessoa, fez dela um critério de organização e de orientação na terceira parte das Constituições, exatamente naquela dedicada à formação (cf. ACG 312,16).

O enfoque dado pela nossa Regra de vida a este tema encontrou uma resposta adequada na FSDB (cf. nn. 488-530) e nos manuais do Inspetor (cf. ISM nn. 378-390) e do Diretor (cf. DSM, todo). Em nível inspetorial depois, ultimamente, em vários Capítulos, suscitou um interesse unânime que se expressou em decisões suficientemente orgânicas e completas.

Este progresso da reflexão e da aceitação da formação permanente, que foi amadurecendo nestes últimos vinte anos, pode ser colocado, hoje, em confronto com aquilo que foi surgindo pela experiência da Congregação. Disto são reveladoras algumas impressões difundidas e retratadas nos encontros das “Visitas de conjunto”, encerradas quase contemporaneamente no ano passado, em 1987.

Propomo-nos portanto, deixando de lado introduções e reflexões teóricas, para *apresentar em possíveis avaliações e bons propósitos algumas considerações sobre a comunidade local, lugar privilegiado de formação permanente e “natural ambiente de crescimento vocacional”* (Const. 99).

Das “Visitas de conjunto”: tópicos e convergências operacionais

1. Alguns tópicos

Os temas estudados nas “Visitas de conjunto” foram aqueles que a vida e o trabalho das Inspetorias apresentavam como vivos e interessantes. Era a realidade salesiana que tomava a palavra e, através do diálogo e do confronto, procurava na convergência uma identidade mais clara e uma resposta mais adequada.

Fruto desta revisão que interessou cada uma das Inspetorias, grupos, Conferências e Regiões foram algumas constatações:

- o tema da formação permanente foi entre os mais candentes;
- em todos apareceu a preocupação com relação à qualidade de vida dos irmãos e das comunidades;
- houve uma significativa convergência seja quanto à leitura e à análise das situações, seja quanto às orientações operacionais consideradas como solução.

Pela impostação dos encontros e o enfoque prático que os caracterizava, destacaram-se então, especialmente, as situações que

eram problema, tendo sido já conhecidos e apreciados os aspectos positivos (na verdade muitos!) e as linhas de crescimento.

Em relação à qualidade da experiência vocacional salesiana, constataram-se atitudes de desmotivação, de entrega ou de superficialidade. Estava-se diante de um quadro de critérios não coerentes com o projeto constitucional e portanto um certo genericismo no projeto de vida pessoal e comunitário. O “viver” e o “trabalhar” às vezes eram estruturados de maneira individualista assim que se tornava impossível, na comunidade, toda partilha e mais ainda a comunhão. O “fazer” educativo era aqui e ali assinado por um ativismo que força, dispersa e desgasta, às vezes também pelo afastamento de situações tipicamente salesianas ou por um sentido de inadequação ou por incompetência.

As iniciativas específicas de formação permanente, periódicas ou extraordinárias, talvez porque direcionadas mais para a teoria, pareciam não adaptar-se aos adultos (cf. ISM, 386-389) e muitas vezes, dizia-se, não alcançavam o salesiano no centro da sua experiência. A animação parecia fraca e desarticulada, não levava a atitudes renovadas, a critérios mais autênticos, a uma mística mais forte e estimulante.

Não era esta toda a realidade. Eram só alguns aspectos que, em geral, enfraqueciam a qualidade de vida pessoal e comunitária, e, portanto, a experiência dos valores, resfriando o processo de resposta vocacional.

2. Convergências operacionais

Os principais responsáveis da animação dos irmãos sentiram-se diretamente interpelados e, no diálogo, chegaram a conclusões comuns. Podemos resumi-las numa convicção básica e nalgumas orientações operacionais.

A. Uma convicção básica: a formação permanente atua-se principalmente no cotidiano.

Formar-se é assimilar pessoalmente os valores vocacionais (cf. FSDB 130ss.). Como favorecer esta assimilação?

A FSDB indica uma primeira linha de ação: é preciso “experimentar”. A passagem dos valores conhecidos aos valores vividos só se dá através de uma experiência que nasce, em certas condições, pelo contato com as pessoas e com a realidade: “vivendo e trabalhando para a missão comum” (Const. 99; cf. FSDB 130).

A primeira destas condições é a eliminação daquilo que impede, de maneira mais ou menos grave, a própria capacidade de perceber em si mesmos os valores e de interiorizá-los. São as assim chamadas “inconsistências psicológicas pessoais”, isto é, aquelas defasagens vocacionais presentes também em pessoas “normais”, que, também se querem realizar os valores, sentem-se motivadas em seu agir concreto por forças contrárias a estes valores. A “inconsistência” é experimentada nas horas de tensão e de humilhação, quando se constata como, também se conhecendo os valores, de fato vive-se movidos primariamente em função de necessidades psicológicas.

É um trabalho delicado de progressivo conhecimento de si e de purificação. Na medida em que o salesiano se liberta destes negativos condicionadores (cf. FSDB 62-95; Critérios e Normas, 39, 40; 46-52), coloca-se na situação de poder receber (os valores da vocação são dons gratuitos!), amadurecer e trabalhar para a própria formação especialmente no cotidiano. É no dia-a-dia, de fato, que se pode aproveitar da eficácia formativa das atividades normais (Const. 119), sendo conduzido, no contato com os jovens, pela atitude de discernimento que desenvolve a capacidade de aprender da vida (cf. Const. 119).

A experiência de cada dia e a sua qualidade tem portanto uma forte influência formativa ou menos. Por conseguinte, as iniciativas e os momentos extraordinários devem estar claramente ao serviço deste mesmo processo que é contínuo e se desenvolve na comunidade local (cf. Const. 99). Este critério, que retoma a “mens” do texto constitucional, é tipicamente salesiano e é novo do ponto de vista metodológico: “a vida adulta e alguns de seus tempos particulares e circunstâncias, diz a FSDB, pedem uma especial atenção metodológica” (FSDB 501).

O DSM dedica alguns parágrafos aos irmãos adultos, às características da sua experiência, às suas necessidades e às formas de animação próprias deles. O ISM descreve a situação, as atitudes, as expectativas e evidencia as condições de uma resposta (cf. ISM 385-389).

As características da vida adulta indicam a importância primária da experiência cotidiana, a importância de aprender da vida no diálogo assíduo entre teoria, discernimento e prática, a importância portanto da comunidade local como ambiente ativo de formação.

Foi o caminho preferido e seguido por Dom Bosco. Ele sempre considerou o ambiente lugar e método educativo (cf. DSM 126) e a experiência concreta e típica que aí podia-se fazer a melhor escola de vida e de salesianidade (cf. Const. 97).

B. Alguns pontos estratégicos

Reafirmando o princípio, por outro lado partilhado por quase todos, perguntávamos: — Como assegurar concretamente a qualidade desta experiência cotidiana? Como sustentar nos irmãos a atitude de formação permanente que é, no fundo, a verdadeira atitude de fidelidade? Como estimular “o esforço concreto de conversão e de renovação?” (Const. 99)

As conclusões das “Visitas de conjunto” indicam alguns pontos estratégicos sobre os quais se apoiar. São conhecidos mas, a todos pareceu, não suficientemente valorizados:

- a comunidade local como lugar privilegiado de formação permanente;
- o papel animador do Diretor nesta mesma comunidade;
- o projeto de vida comunitário e o projeto educativo vividos na perspectiva de uma dupla eficácia, aquela pastoral para os jovens e aquela formativa para os Salesianos;
- o apoio dado pelo centro inspetorial.

São pontos longamente descritos pela FSDB e pelos manuais, mas ainda não suficientemente assimilados na vida. As “Visitas de conjunto” sublinham repetidamente a importância. Focalizá-los-emos rapidamente, pedindo que para um maior aprofundamento sejam lidos os nossos textos oficiais.

a. Fazer da comunidade local o ambiente natural de crescimento vocacional (Const. 99)

“A própria vida da comunidade é formadora” afirmam as Constituições (cf. art. 99). Mas acrescentam algumas condições indispensáveis: deve ser uma comunidade “unida a Cristo e aberta às exigências dos tempos”. A FSDB especifica mais detalhadamente: “A vida da comunidade torna-se um ponto constante de referência. A partilha fraterna e especialmente o ardor apostólico atuado num coerente projeto comum, a centralidade de Cristo

vivida e celebrada, a autenticidade do estilo de vida evangélica comunicam vitalmente o ideal salesiano, tornam-se critério e estímulo vocacional” (FSDB 155). O DSM está quase inteiramente dedicado em apresentar princípios e critérios, métodos, instrumentos e estruturas de utilização na animação das diferentes áreas para que na comunidade local possam existir condições de uma autêntica experiência salesiana.

b. *Dinamizar a tarefa animadora do Diretor*

É natural esta referência imediata ao Diretor quando se fala da comunidade, ambiente formativo. É sua primeira tarefa de fato “animá-la para que viva na fidelidade as Constituições e cresça na unidade”; é sua competência ajudar cada irmão “a realizar a sua vocação pessoal” (Const. 55). Trata-se, em outras palavras, de promover a experiência dos valores vocacionais e o processo de formação permanente.

Em relação à responsabilidade do Inspetor e do seu Conselho na escolha, na formação e acompanhamento dos Diretores, já se falou com certa insistência no ISM. Em suas conclusões, as “Visitas de conjunto” insistem que “ele tenha como tarefa prioritária a animação e a formação dos Diretores; cuide da sua preparação para que sejam animadores espirituais, mestres atualizados de vida espiritual, guias responsáveis da missão”. Insistem também que “seja texto de referência e de estudo para a animação o novo DSM”. Porque, após a aprofundada reflexão que sobre a figura do Diretor a Congregação fez nestes últimos decênios, o DSM se prefixou apresentar numa visão de conjunto e de maneira concreta o “como” da animação e do governo da comunidade local.

c. *Orientar o projeto de vida comunitária e assegurar a dimensão formativa do trabalho educativo-pastoral*

Eis outra linha estratégica: o Inspetor e o seu Conselho orientem e animem o projeto de vida de toda comunidade salesiana e verifiquem sua execução. O PEPS e a programação anual sejam assumidos como momentos privilegiados de formação permanente (cf. “Visitas de conjunto”).

De um e de outro destes projetos, que na vida do salesiano estão entre si integrados, pode-se dizer o que o DSM (cf. n. 111ss.) e o ISM (cf. n. 191ss.) afirmam do PEPS. É um caminho privile-

giado para a animação vocacional dos irmãos, é uma pedagogia para a formação e o crescimento da própria comunidade. O projeto reflete o caminho percorrido e ao mesmo tempo traça os passos para o seu ulterior desenvolvimento. A celebração e a revisão do projeto levam os irmãos a definir a própria linha formativa, a dar continuidade à própria ação, a construir um quadro unificado de convergências, a reforçar o próprio sentido de pertença, a chegar a um critério comum de juízo. Assegura-se assim aquela medida, aquele dinamismo, aquela busca de autenticidade salesiana vivida no concreto que contribuem para formar o “natural ambiente de crescimento vocacional”.

Fora do projeto nasce, inevitavelmente, o individualismo, aquele caminhar isolados no genérico, sem compromissos concretos ou pontos de referência, sem confronto sério nem avaliações construtivas.

Percebia-se nas várias Visitas a necessidade de reeditar a mensagem das Constituições e de assegurar a verdade: se cumprindo a missão encontramos o caminho da nossa santificação (Const. 2), como organizar a maneira de viver e de trabalhar na missão comum (Const. 99) para que se torne uma verdadeira experiência dos valores da vocação (Const. 98), como conseguir viver com os jovens esta experiência espiritual e educativa que Dom Bosco chamou “Sistema preventivo”?

Nas suas conclusões as “Visitas de conjunto” pedem a CIF e a CPJ em nível inspetorial e, em nível local, que os respectivos encarregados programem juntos o trabalho educativo assegurando aos irmãos condições favoráveis para a promoção dos valores vocacionais em sua qualidade e em suas relações (cf. Const. 3). A FSDB estabelece estas condições. Atuando-as, a prática educativo-pastoral torna-se uma prática sábia e de fé, a ação apostólica um lugar de formação daquela íntima unidade de vida espiritual e missão apostólica que faz parte da natureza específica da nossa vocação (cf. FSDB 166-171; DSM 61).

d. *Adequar as iniciativas inspetoriais a partir das necessidades*

A comunidade local necessita do apoio dos organismos inspetoriais. O ISM apresenta a Inspeção como “comunidade formadora e em formação” e evidencia o papel dos animadores inspetoriais na ótica da formação permanente.

A situação analisada nas "Visitas de conjunto" e as conclusões a que se chegou evidenciam a necessidade de iniciativas inspetoriais que respondam às necessidades reais dos irmãos, geralmente adultos. Convidam também a dirigir uma particular atenção aos irmãos sacerdotes que estão nos primeiros anos de exercício do seu ministério e aos irmãos coadjuvantes no período imediatamente após a profissão perpétua (cf. FSDB 523).

Lembram ainda aos animadores inspetoriais suas tarefas: educar à formação permanente; coordenar as iniciativas inspetoriais para que não sejam feitas de última hora ou desarticuladas entre si; elaborar subsídios; assegurar objetivos a serem escolhidos diante das necessidades pessoais e comunitárias; garantir a utilização de métodos diferenciados de acordo com as categorias e a idade.

e. Avaliar o compromisso da nossa fidelidade

O confronto com a realidade mais do que fazer emergir aspectos novos constitui o convite a uma avaliação concreta do nosso viver e trabalhar cotidiano para um renovado compromisso de fidelidade. Esta avaliação, adaptada às diferentes situações comunitárias, encontra numerosos pontos de referência e válidas orientações na FSDB, no ISM e no DSM. É oportuno reler aquelas páginas.

Aqui apontamos aqueles aspectos que as "Visitas de conjunto" consideram prioritários e dos quais gostaríamos de ajudar na revisão sobre a nossa fidelidade:

- Nossa comunidade é para nós "o ambiente natural de crescimento vocacional"? De quais valores vocacionais fazemos de verdade experiência (vida apostólica, fraterna, orante, estilo de vida evangélica)?
- Que situações julgamos mais formativas e quais, de fato, mais deformantes?
- Quem chega em nossa comunidade tem a sensação de entrar num ambiente que o estimula ou que o segura? Por quê?
- Como nos ajudamos a viver o valor formativo da experiência cotidiana e a aprender da vida? Que grau de comunicação de experiências existe na nossa comunidade (cf. FSDB 172-177)?
- Sentimos o trabalho educativo pastoral como ambiente e estímulo formativo ou como motivo de superficialidade e de dis-

persão? Por quê? Consideramos o nosso agir salesianamente motivado e vivido?

- A nossa comunidade vive de acordo com um projeto comunitário? Procuramos caminhar juntos? Existe comunicação e apoio ou há individualismo e dispersão? Estamos amadurecendo alguns pontos de convergência em nível de critérios e de objetivos?
- Funcionam como meios de reflexão e de discernimento: o diálogo pessoal, os “scrutinia”, as celebrações comunitárias, os organismos de participação e corresponsabilidade?
- Como assegurar corresponsavelmente a animação comunitária e um adequado exercício do ministério do Diretor?
- O que fortalecer na nossa comunidade para que seja sempre mais “ambiente de crescimento vocacional”?
- Que iniciativas inspetoriais de formação permanente responderiam melhor às necessidades da comunidade?
- Rever à luz do artigo 118 das Constituições: através de quais iniciativas pessoais e comunitárias cultivamos:
 - a vida espiritual,
 - a atualização teológica e pastoral,
 - a criatividade apostólica?
- Rever à luz dos Regulamentos 99-100: como favorecer na comunidade o que pedem os nossos Regulamentos:
 - A formação permanente requer que cada irmão: melhore a sua capacidade de comunicação e de diálogo; forme-se numa mentalidade aberta e crítica; desenvolva o espírito de iniciativa para renovar oportunamente o próprio projeto de vida?
 - Cada um cultive o hábito da leitura e do estudo das ciências necessárias à missão; mantenha viva a disponibilidade à oração, à meditação, à direção espiritual pessoal e comunitária (Regul. 99), à qualificação e à requalificação (Regul. 100)?

Conclusão

Este trabalho de revisão, como pode-se intuir, desenvolve-se em três níveis de profundidade, entre eles estritamente unidos e todos indispensáveis:

1. O nível do “saber geral”: refere-se ao conhecimento do próprio carisma e a tudo aquilo que pode dar à pessoa uma visão bem fundamentada e atualizada da realidade nas suas dimensões;

2. O nível do “saber aplicado”, do desenvolvimento das atitudes e dos métodos, do “saber fazer”: inclui a atualização e a requalificação pastoral e pedagógica. Não se trata só de aprender teorias, mas de aprender concretamente (experiência, exercício) os novos caminhos do “fazer”;

3. O nível do “ser” como aprofundamento do mistério da própria vocação e amadurecimento de “atitudes psico-espirituais” profundas em harmonia com aquele “único movimento de caridade para com Deus e para com os irmãos”, de que falam as Constituições (Const. 3). Este nível qualifica a vida da comunidade local e a sua formação permanente. Nunca deve faltar e tudo deve se referir a ele para um testemunho mais puro e uma eficácia de serviço aos jovens e às suas inquietações.

Nestas linhas de trabalho, sábado, 14 de maio de 1988, dia mundial da profissão, os Salesianos pediram, pela intercessão de seu Pai e Fundador, a graça da fidelidade à especial Aliança que Deus fez com eles.

Maria Auxiliadora interceda para que sejamos atendidos.

2.2. O ORATÓRIO-CENTRO JUVENIL

Pe. Juan E. VECCHI

Conselheiro para a Pastoral juvenil

1. Critério permanente

A palavra e a realidade do Oratório estão presentes na vida e nos escritos de Dom Bosco. A sua primeira iniciativa “em gestação e nômade”, após sucessivas melhoras e complementações, desabrochou no Oratório de São Francisco de Sales, berço e casa mãe da Congregação. Por isso a narração dos inícios da Congregação está estritamente unida à narração da evolução do Oratório (cf. São João Bosco, “Memórias”).

O espírito que animou o início da fundação teve continuidade. Quase não existe Capítulo Geral ou Reitor-Mor que não tenha dedicado páginas inflamadas à obra do Oratório e ao espírito do qual é fruto, reflexo, garantia. Reunir o que foi escrito pelos biógrafos, estudiosos, superiores e Capítulos Gerais poderia constituir uma antologia muito útil.

Era portanto natural que o esforço de renovação iniciado sob o impulso do Concílio Vaticano II, que pedia a volta às origens, olhasse esta atividade tão característica da nossa história.

O Capítulo Geral Especial XX abriu a série de documentos pastorais com uma releitura do “Dom Bosco do Oratório” como referência normativa para se mover entre fidelidade e inovação. Depois desta reflexão o texto das Constituições propôs o Oratório como critério permanente do agir salesiano, que, partindo das necessidades dos jovens, os acolhe em clima de família (casa), visa desenvolver todas as suas qualidades humanas (escola), iluminando-as e fazendo-as renascer na fé (paróquia) e reúne tudo num ambiente de amizade e de alegria, onde os jovens vêem o reconhecimento de suas aspirações e são protagonistas corresponsáveis juntamente com os adultos na fase de crescimento (pátio).

Em síntese afirma-se que o Oratório foi o lugar onde a caridade pastoral de Dom Bosco tornou-se aquela prática educativa e pastoral que chamamos “Sistema preventivo” (cf. Const. 20);

que o desenvolvimento ulterior desta prática está ainda ligado às características do estilo e de inserção típicas do Oratório; e que ele, antes de uma estrutura ou ambiente, é um *modelo* para cada uma das obras salesianas.

Nesta última afirmação está contida a idéia que *cada obra salesiana*, qualquer que sejam suas finalidades específicas, é um *centro juvenil*. Qualquer que sejam as atividades em que está particularmente direcionada (escola, centro profissional, paróquia) ela permanece aberta a uma resposta ampla, inspirada na caridade pastoral que a torna ponto de referência para os jovens do bairro e para todos aqueles que se interessam pela juventude e aí encontra-se aquele ambiente de acolhida e aquele clima de relações pessoais que a tornam “um Oratório”.

2. Ambiente específico

Feita esta consideração geral e necessária queremos focalizar de maneira particular aquela obra, ambiente ou estrutura pastoral com finalidade, estilo e organização típica, da qual nos falam as Constituições no artigo 42: “Realizamos a nossa missão principalmente com atividades e obras nas quais é possível promover a educação humana e cristã dos jovens, como o *oratório* e o *centro juvenil*, a escola e os centros profissionalizantes, os internatos e as casas para jovens com problemas”.

O mesmo ambiente é apresentado em suas características nos artigos 11 e 12 dos Regulamentos gerais e considerado como “parte integrante do projeto pastoral” de toda paróquia salesiana (Regul. 26).

A primeira coisa a ser considerada é o lugar que ocupa este ambiente na realidade atual de cada Inspetoria e nos seus planos de desenvolvimento ou de reorganização futuros. É difícil de fato que se tenha “espírito oratoriano” se não se possui nenhuma atividade em que este é assumido em sua expressão máxima.

Cada Inspetoria expressa a missão salesiana através da atividade escolar, paroquial, de promoção cultural, de serviços educacionais e catequéticos, de comunicação social. A experiência destes anos parece revelar que muitas vezes a sua imagem global vai-se definindo mais por força de decisões conjunturais do que seguindo um plano estudado e refletido. Assim algumas Inspetorias, sob o impulso de pedidos ocasionais, desenvolveram a componente paroquial e nem sempre em regiões mais pobres enquanto outras inseriam-se prevalentemente no campo escolar.

Nalguns lugares existe, a este respeito, uma falta de tradição eclesial, que os Salesianos não modificaram. Aqui o centro juvenil, como alternativa à atividade escolar, deve ainda superar dificuldades nascidas do seu caráter menos estruturado e da sua aparente fraqueza educativa. É considerada uma obra complementar, de segunda importância, não comparável aos sólidos programas culturais de educação formal.

Em outras Inspetorias, onde os inícios foram favoráveis, depois pararam e declinaram pela falta de adaptação às novas situações e necessidades juvenis. Sabe-se de fato que a modalidade “dominical” e “de fim-de-semana” em muitos lugares foi-se esvaziando com a chegada de modalidades de vida juvenil e familiar mais livre e movimentada; que o Oratório só para “garotos” torna-se insuficiente numa hora em que as necessidades educativas e religiosas da massa aparecem cada vez mais fortes também no campo juvenil; que o Oratório “ambiente de recreio e de catecismo” apresenta-se inadequado lá onde a realidade do tempo livre requer iniciativas culturais mais qualificadas e variadas; que o Oratório ambiente organizado só por Salesianos e “utilizado” pelos jovens deve deixar o lugar a uma comunidade em que estes participam juntamente com os leigos colaboradores inserindo-se plenamente na dinâmica do território.

Isto para não falar da necessária qualificação de alguns aspectos tradicionais do Oratório: a catequese diante das necessidades de uma nova evangelização e do aumento considerável de “afastados”, o associacionismo numa hora de múltiplas pertenças e de identidades fracas.

Ao lado destes tópicos, que podem parecer “críticos” devemos lembrar seja a caminhada de estudo sistemático que algumas regiões estão desenvolvendo; seja as novas formas “oratorianas” que a criatividade pastoral está desenvolvendo nos bairros pobres. Acrescentamos ainda a qualificação dos Oratórios tradicionais com iniciativas e linhas pastorais mais próximas da sensibilidade atual (marginalização, voluntariado, associacionismo, inserção eclesial, etc. . .).

A reflexão sobre a nossa originalidade pastoral que a celebração do Centenário nos obriga a fazer e a urgência vivida pelas Igrejas em propor lugares de eficaz socialização religiosa para os jovens, nos convidam a verificar a consistência deste tipo de presença no conjunto das obras da Inspetoria e a criar as condições para que possa libertar todas as suas possibilidades educativas.

O fruto desta reflexão deveria ser duplo. Em primeiro lugar que cada Inspetoria no conjunto das próprias presenças tivesse *algumas onde o coração da obra fosse o Oratório-Centro juvenil* com todas as suas características realizadas da melhor maneira possível. É esta a única maneira para afastar dúvidas sobre a sua eficácia e transmitir às jovens gerações um estilo e uma prática salesiana. É também a maneira concreta para afirmar que a Inspetoria não considera esta como uma atividade marginal, nalguns retalhos de tempo livre de outras atividades consideradas mais "formativas" ou "pastorais". É a maneira prática de dizer que se crê na sua força educativa e evangelizadora.

O segundo fruto deveria ser o cumprimento, caso por caso, do preceito regulamentar: "*a paróquia considere o oratório-centro juvenil como parte integrante do seu projeto pastoral*". Com relação à sistematização daquilo que já possuímos, é conveniente ver a situação das paróquias para enriquecer cada uma com as atividades do centro juvenil. Portanto, para o futuro será necessário aceitar somente aquelas paróquias que pela sua posição geográfica e social e pela facilidade de ambientes e de pessoal nos consintam, juntamente com o cuidado religioso geral da população, de oferecer aos jovens o ambiente oratoriano.

3. Condições a serem asseguradas

Mas para que o Oratório-Centro juvenil tenha esta importância na imagem global da Inspetoria é necessário assegurar algumas condições para uma contínua consolidação educativa e pastoral.

A primeira destas condições é certamente o *pessoal*. Como uma escola não pode funcionar sem o quadro de profissionais suficientes em número e competência, assim o Oratório-Centro juvenil não liberta as suas potencialidades educativas e pastorais sem o pessoal suficiente e preparado.

As tarefas educativas, pastorais, de animação comunitária exigem conhecimento e competência comprovada. Existe a leitura da condição juvenil a ser continuamente atualizada; existe a realidade do bairro a ser lida constantemente; existem os colaboradores para corresponsabilizar e formar; existe a escolha cuidadosa das iniciativas e sobretudo a sua qualificação educativa; existe a relação pessoal com os jovens que deve encontrar os educadores sempre disponíveis e calmos; existe a animação dos grupos.

Não se entenda esta insistência como exigência de um número de pessoas que no cálculo atual das Inspetorias seria utópico. Sabe-se que cada nossa presença hoje, e para o futuro se estrutura sobre um núcleo suficiente de Salesianos capazes de envolver outras numerosas forças. Mas uma distribuição equânime deve ser atuada lá onde os Oratórios tiveram uma consideração marginal. A insistência em todo caso deve ser entendida também em relação à preparação teórica e prática e à possibilidade de uma constante renovação dos irmãos que trabalham nos Oratórios.

O "diretor" do Oratório foi um elemento-chave ontem e o é ainda hoje, também se com modalidades diferentes, num contexto comunitário de correspondência e de colaboração. A ele compete assegurar o espírito e as finalidades pastorais da totalidade. Ele deve estar atento à animação da comunidade e à formação do pessoal, seja daquele com tarefas particulares (catequistas, animadores, chefes de grupos, colaboradores, treinadores), seja de cada um dos jovens. Mas isso requer que possa delegar encargos organizativos e econômicos.

É desejável por fim uma certa permanência no setor de atividades, particularmente daqueles que conseguem melhor uma aproximação com os jovens e com o bairro.

Mas não é suficiente providenciar pessoal suficiente e preparado. Nas reuniões realizadas para relançar o Oratório foi apontada, entre as causas principais de seus altos e baixos, a não continuidade nas orientações, devido à mudança de critério em relação aos aspectos que hoje ainda estão em experiência, apesar de terem sido muitas vezes recomendados. A segunda condição é então assegurar *um estilo comunitário de gestão*. Isto não se dá facilmente, por causa do costume anterior, e apresenta um retrocesso também em estruturas em que é indicado pelas próprias Constituições ou onde teve inícios promissores.

A gestão comunitária refere-se em primeiro lugar à comunidade inspetorial. Ela, responsável principal da missão salesiana, ajuda na formulação de um *projeto* e garante a sua continuidade também quando há mudança de pessoal, de maneira particular em relação àqueles aspectos que hoje mais interessam à Congregação: a conveniente abertura a todos os jovens, a identidade cristã, a consistência educativa, o envolvimento dos leigos, a participação na Igreja e no bairro, a qualidade de evangelização, o associacionismo. Para definir este projeto existem hoje à disposição subsídios salesianos e documentos da Igreja que esclarecem objetivos

e linhas de ação, condições exigidas pelo ambiente e pessoas, modalidades de ligação com a Igreja e a sociedade civil.

A gestão comunitária refere-se em segundo lugar à *comunidade local*. A obra salesiana não deve resultar dividida... , mas deve se compor pelas diferentes atividades que perfazem a missão num determinado lugar. A comunidade deve portanto considerar o Oratório-Centro juvenil como objetivo da sua atenção, do seu discernimento e da sua solidariedade, sem delegar totalmente preocupações e responsabilidades a um só encarregado.

A gestão comunitária requer finalmente que a responsabilidade do projeto e a sua atuação seja *partilhada largamente com os leigos e com os jovens*, de acordo com as suas possibilidades através de modalidades e estruturas de participação. Não se trata de oferecer instrumentos e espaços a serem utilizados, e sim de criar uma comunidade em que nos sentimos aceitos e realizar um processo em que nos sentimos sujeitos ativos.

Não são estas as únicas condições. Mas podem ser suficientes para esta comunicação que quer ser mais um “alerta” do que uma lista completa.

O terceiro Capítulo Geral, sob a inspiração direta do nosso Pai, dava estas indicações sobre “*o primeiro exercício de caridade da Pia Sociedade de São Francisco de Sales*”:

- “Cada diretor procure iniciar um Oratório... se ainda não existe e lhe dê impulso se já foi fundado. Ele considere esta obra como uma das mais importantes daquelas que lhe foram confiadas... .
- Neles sejam colocados *os clérigos e os outros sócios salesianos* para que se tornem cada vez mais aptos a exercer um tão importante ministério de caridade a favor da juventude.
- *Todos os sócios salesianos seja eclesiásticos seja leigos considerem-se afortunados de trabalhar neles, convencidos que este apostolado... é para muitos jovens, especialmente nas cidades e lugarejos, a única tábua de salvação*” (MB XVIII, 702-704).

A preocupação é clara! Compete a nós traduzi-la hoje com modalidades diferentes, mas com o mesmo “coração oratoriano”.

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL

4.1. Crônica do Reitor-Mor

Entre os dias 8 e 16 de abril o Reitor-Mor esteve, após uma etapa em Nairóbi, na Zâmbia. Em Lusaca presidiu a chamada "Visita de conjunto" da África e Madagascar: estavam presentes vários membros do Conselho geral, o Inspetor e o Conselho da África Central, delegados e representantes das nossas presenças salesianas no continente africano. Foi uma semana de trabalho bem objetivo e proveitoso.

No dia 17 de abril estava em Bolonha para o encontro com os Movimentos Juvenis da cidade e da região, nas celebrações do Dom Bosco '88: no dia seguinte, em Milão, participava da solene comemoração de Dom Bosco promovida pela Prefeitura e pela Família salesiana milanesa no famoso teatro "La Scala" (cf. n. 5.1 destes ACG). A 19 de abril, novamente em Bolonha, fazia uma conferência sobre Dom Bosco no ambiente cultural das "terças-feiras de S. Domingos" promovidas naquela cidade.

No dia 27 de abril viajava para o Panamá, onde teve três dias de intensos encontros e de celebrações populares. Em seguida chegava ao México, visitando várias localidades: Querétaro, Cerro Cubilete, Irapuato, León, Cidade do México, Guadalajara, Monterrey. As celebrações de "Dom Bosco '88", organizadas pelas quatro Inspetorias mexicanas de SDB e de FMA, foram manifestações extraordinárias de iniciativas juvenis e de participação popular.

De volta, no dia 10 de maio, esteve em Turim para participar de dois acontecimentos significati-

vos nos dias 13 e 14. A basílica de Valdocco esteve lotada de FMA na sexta-feira, dia 13, para expressar "gratidão" a Dom Bosco com Madre Mazzarello; e de SDB no sábado, 14, para a solene renovação da Profissão religiosa salesiana.

Nos dias 20 e 21 visitava Sôndrio para uma comemoração de Dom Bosco com grande presença de público. Estava novamente em Turim a 23 e 24 de maio para a festa de Maria Auxiliadora, particularmente solene pelo duplo motivo do Ano Mariano e do Centenário de Dom Bosco.

Viajou depois para a Polónia onde, nos dias 27 a 30, tomou parte em Poznán das extraordinárias manifestações organizadas de maneira admirável pelas quatro Inspetorias SDB.

Nos dias 4 e 5 de junho (fim de semana da já iniciada sessão plenária do Conselho geral) participou das solenes manifestações centenárias em Bérgamo: aqui, juntamente aos alegres encontros com garotos e jovens de toda a Província, recebeu o título de "cidadão honorário" aprovado pela Câmara municipal da cidade, como sinal de apreço por Dom Bosco e seu método educativo. Em Treviglio participou do Congresso dos Ex-alunos e das interessantes celebrações organizadas por eles em homenagem a Dom Bosco.

Nos dias 11 e 12 de junho, com vários membros do Conselho, realizou a "Visita de conjunto" à Visitadoria da UPS.

4.2. Atividades dos Conselheiros

O Conselheiro para a Formação

O Conselheiro para a Formação, Pe. Paulo Natali, além dos vários compromissos na sede do Dicasterio e das visitas feitas a algumas comunidades de estudo em Roma (em primeiro lugar na UPS), nos meses de fevereiro a maio realizou três viagens de animação:

- de 11 de fevereiro a 25 de março na Índia, Hong Kong-Macau, na Austrália, na Tailândia;
- de 8 a 13 de abril na Zâmbia, em Lusaca, para a "Visita de conjunto";
- de 13 a 27 de maio nas quatro Inspetorias da Polônia.

Objetivos e encontros

Com exceção da "Visita de conjunto" na Zâmbia, que teve um só caráter, as outras visitas tiveram objetivos e encontros bem claros e comuns em geral.

Objetivo fundamental foi o de verificar em comum, sempre no contexto das situações locais e das preocupações e urgências em termos de Congregação, os aspectos positivos do processo formativo, mas também os problemas e as dificuldades que se apresentam, e assim poder buscar as causas e elaborar programas de solução.

Isto permitiu refletir, quando necessário, sobre as estruturas dos prédios, sobre a impostação característica de certas comunidades, sobre o quadro dos professores e dos formadores (escolha, preparação e atualização), sobre a unificação dos critérios de avaliação e sobre a progressão dos conteúdos formativos.

Outro objetivo, deduzível do primeiro, foi o de refletir sobre a continuidade, também se em situações culturais diferentes, dos projetos locais sobre os diretórios inspetoriais e sobre a "Ratio" (FSDB).

Para os encontros: quase todas as comunidades formadoras foram visitadas. Em cada uma dialogou-se com o Diretor e o seu Conselho, com os professores e os formadores e houve encontros com os jovens irmãos em formação. Na esfera inspetorial realizaram-se contatos com o Inspetor e seu Conselho, com a CIF e, onde funcionava, com o "curatorium". Na Índia houve uma relação também aos Inspetores das seis Inspetorias, reunidos sob a presidência do Regional.

As comunidades e os centros de estudo visitados nas diferentes Inspetorias foram respectivamente:

- Na Índia, de 11 de fevereiro a 7 de março:
 - Na Inspetoria de Bombaim: Nasik, Poona, Lanavla;
 - Na Inspetoria de Bangalore: Always, Kotagiri;
 - Na Inspetoria de Calcutá: Bandel, - Kalyani-Vidyaniketan, Siliguri;
 - Na Inspetoria de Guwahati: Rongkon, Shillong-Sunnyside, Shillong Theologate;
 - Na Inspetoria de Madras: Coimbatore, Yercaud.
 - Não tendo conseguido entrar na Inspetoria de Dimapur, o Pe. Natali teve um encontro com o Inspetor e o Diretor do Pós-noviçado.
- Em Hong Kong, de 10 a 14 de março, depois de um dia de intervalo em Bangcoc:

- Visita em Hong Kong à comunidade "Salesian House of Studies" que reúne, com encarregados distintos, noviços, pós-noviços, filósofos e teólogos. Visita ao seu centro de estudos "Holy Spirit Seminary", faculdade que outorga títulos e que tem, em seu quadro, alguns professores nossos;
 - Visita a outras comunidades, às comunidades e estações missionárias de Macau.
- Na Austrália, de 15 a 21 de março, o Conselheiro teve encontros com:
- O "Catholic Theological College", onde estudam os nossos teólogos e filósofos e aí ensinam sete professores salesianos;
 - A comunidade de Lysterfield, que hospeda os estudantes de filosofia, magistério e noviço;
 - A comunidade de Oakleigh com o pré-noviço e os estudantes de teologia;
 - Os Diretores reunidos na casa de Lysterfield para conversar com eles sobre o tema da formação permanente;
 - A Comissão Inspetorial de Formação.
- Na Tailândia, de 22 a 25 de março:
- Visita as comunidades formadoras de Sampran;
 - Visita o novo aspirantado e pré-noviço em construção em Bangpong-Sarisit;
 - Encontro com o Conselho inspetorial e a Comissão Inspetorial de Formação.
- Na Polônia, de 13 a 27 de maio:
- no dia 14 presidiu o rito de renovação da Profissão dos irmãos da Inspetoria de Varsóvia no templo dedicado a Dom Bosco em Plock; no dia seguinte participou, na mesma igreja, de sua consagração, e só alguns dias depois, na casa de Czerwinsk, participou do enterro de dois irmãos mortos num acidente rodoviário;
 - teve encontros especiais em Varsóvia com os professores e os estudantes salesianos de várias faculdades da Academia e, em Lublin, com aqueles da Universidade Católica (são professores que lecionam também nalguns de nossos centros de estudo);
 - visitou com os compromissos e os objetivos conhecidos: os noviçados de Czerwinsk (PLE), Swobnica (PLN) e Kopiec (PLO); os pós-noviçados em Lutomiensk (PLE), Rumia (PLN) e Cracóvia (PLS); os estudantes de filosofia em Kutno-Wozniaków (PLE) e Cracóvia (PLS); os estudantes de teologia de Lad (PLN) e Cracóvia (PLS).
- No Dicastério, além da elaboração do artigo sobre a formação permanente para este número dos Atos (cf. n. 2.1), continuou-se o trabalho para concluir o segundo volume dos Subsídios: "Sussidi/2".
- Iniciou-se ainda o trabalho que levará à atuação do último pedido do CG22: "sejam aprofundados nos vários níveis, as riquezas da identidade do salesiano leigo e o seu significado essencial para a vida e a missão da Congregação, tendo presente a reflexão que está sendo feita na Igreja. O Dicastério da

Formação assegure a continuação desta reflexão" (CG22, p. 13).

*O Conselheiro
para a Pastoral Juvenil*

Após a abertura das celebrações centenárias em Turim, o Pe. Juan E. Vecchi viajou para a Espanha. Em Sanlúcar pregou os Exercícios Espirituais a diretores e diretoras das Inspetorias de Córdoba e Sevilha. O mesmo fez em Loyola para os diretores das Inspetorias de Madri, Bilbao e León, e para as diretoras FMA da Inspetoria de Madri. O convite feito pelas Inspetorias espanholas tinha particular interesse por causa do Centenário.

O Pe. Vecchi dedicou depois parte dos meses de fevereiro e março para uma visita de vinte e cinco dias às duas Inspetorias dos Estados Unidos. Em São Francisco realizou um programa de encontros particularmente cuidado: com animadores pastorais, equipes de pastoral vocacional, jovens sacerdotes, diretores da educação religiosa nas escolas e os participantes ao curso de formação permanente em Berkeley.

Em New Rochelle tomou parte em encontros semelhantes e em outros abertos a SDB, FMA e leigos. Além de visitar obras de particular interesse (West Haverstraw, Paterson), o Conselheiro para a Pastoral juvenil presenciou a abertura do Centenário em Marrero (Nova Orleans). Aí teve oportunidade de participar a um dia de estudo sobre o estilo educativo salesiano para os numerosos leigos que trabalham em escolas primárias e secundárias dirigidas e animadas pastoralmente por SDB e FMA.

Nos últimos dias de março e início de abril, pregou um curso de Exercícios Espirituais em Mor-

nese para as diretoras da Inspetoria de Barcelona e logo em seguida participou, com o Reitor-Mor e outros membros do Conselho geral, da Visita de conjunto à África.

De 17 a 21 de abril realizou-se na Casa Geral o primeiro congresso sobre "Salesianos e jovens universitários" preparado pelo Dicastério da Pastoral juvenil em colaboração com a Visitadoria da UPS. A iniciativa tinha por objetivo suscitar uma reflexão sobre o crescente engajamento dos Salesianos neste campo com pensionatos, capelanias, estruturas acadêmicas, grupos e presenças de universitários em ambientes oratorianos e paróquias. Participaram trinta e três irmãos e uma FMA, de cinco nações (Itália, Espanha, Bélgica, Irlanda, Polónia). Um conjunto de utilíssimas conclusões, que foram mandadas às Inspetorias, encerraram o congresso.

Na última semana de abril em Cumbayá (Equador) realizou-se o congresso das Inspetorias da América Latina (Região Pacífico) sobre "Presença e inserção dos Salesianos em ambientes de marginalização". A iniciativa surgiu como consequência da Visita de conjunto em Caracas. Participaram 40 irmãos de 10 Inspetorias, que desempenham tarefas de governo, de formação, de animação pastoral e de presença nas áreas mais pobres. Foram analisadas as diferentes modalidades de serviço aos pobres, as necessidades de inserção na América Latina e os critérios salesianos para realizá-la de acordo com o próprio carisma.

O Pe. Vecchi participou depois, com sua contribuição ao debate italiano sobre "Espiritualidade juvenil salesiana" promovido pelo Centro Nacional de Pastoral Juvenil e pelo Centro Internacional de Pastoral Juvenil FMA, realizado em Via della Pisana, de 9 a 11 de maio.

No dia 12 do mesmo mês viajou para a Índia com o objetivo de animar um curso de pastoral juvenil proposto pelas Inspetorias indianas, a uns quarenta irmãos animadores inspetoriais e com duração de um mês. A idéia nascera depois de uma experiência semelhante realizada em Roma. Pensou-se que realizar o curso no lugar, em contato com os problemas e as questões específicas e numa língua acessível aos destinatários ajudaria uma animação mais unitária para as Inspetorias da região. A Conferência Inspetorial da Índia confiou a organização e o desenvolvimento do curso ao recém-nascido Centro de Pastoral Juvenil. A experiência, no parecer de todos os participantes, demonstrou-se válida para unificar critérios, conteúdos e metodologias, para interligar a pastoral em nível interinspetorial e sobretudo para realizar concretamente o que é apresentado em nível de orientações.

Na Índia, o Pe. Vecchi foi convidado a presidir o rito da renovação da Profissão religiosa e da entrega das medalhas no dia 14 de maio. Esteve também presente na abertura do 4.º encontro nacional "Escoteiros Dom Bosco" organizado pelas Inspetorias da Índia por ocasião do Centenário, e visitou os novíços de Kotagiri e de Coimbatore.

Neste período o Dicastério concluiu os trabalhos de reflexão com a publicação e distribuição do livro "Prática educativa pastoral e Ciências da Educação" (aos cuidados de Vecchi-Prellezo, e com umas 300 páginas) e o envio do "Dossiê n. 3" que traz orientações e experiências sobre o Oratório-Centro Juvenil.

O Conselheiro para a Família salesiana e a Comunicação social

Iniciando o ano centenário de Dom Bosco, o Conselheiro para a Família salesiana e a Comunicação social participa da comemoração organizada em Turim pelo Rotary Clube em honra do nosso Fundador. No final do mês de fevereiro, em Valência (Espanha), prega os Exercícios espirituais aos Diretores e aos membros do Conselho inspetorial daquela Inspetoria: tem também a oportunidade de entrar em contato com os dirigentes da Federação dos Ex-Alunos (Vilhena) e participa de um dia de formação para os Cooperadores da Inspetoria de Valência, em Campello.

— No mês de março as atividades do Pe. Cuevas podem resumir-se nos seguintes compromissos.

Encontra-se, antes de tudo, com o Conselho inspetorial dos Cooperadores da Irlanda, com os dirigentes dos Ex-alunos, com os Delegados salesianos para a animação destes grupos.

Alguns dias são dedicados a conhecer e animar as atividades da Comunicação social na Inspetoria: Boletim Salesiano, livros, manifestações artísticas, musicais etc.

Depois da visita à Irlanda viaja para a Grã-Bretanha. Aí conhece os vários grupos de Cooperadores e Ex-alunos; encontra-se com seus dirigentes, dialoga com os Delegados salesianos, participa das festas em honra de Dom Bosco no College de Farnborough.

Essas visitas e conversas resultaram muito proveitosas para o conhecimento mútuo e para a animação que vem alimentar a rica experiência de vida salesiana que possuem os grupos laicais da Família.

— Ainda durante o mês de março participou dos dias de formação e

de planejamento que envolviam todos os Delegados salesianos para os Cooperadores e para os Ex-alunos de Dom Bosco das Inspetorias da Itália.

— A Visita de conjunto na Zâmbia oferece-lhe a ocasião para um contato também com obras de outros países vizinhos; assim na Semana Santa encontra-se no Quênia (Nairóbi, Embu, Makuyo) para conhecer e animar as atividades dos grupos da Família salesiana.

— Nos primeiros dias de abril encontra-se com os dirigentes dos Cooperadores e dos Ex-alunos da África do Sul. Nas várias visitas nunca deixa de visitar também as Filhas de Maria Auxiliadora, para uma troca de opiniões sobre a Família salesiana, tema esse enriquecedor e que apresenta boas perspectivas para os próximos anos.

— De 6 a 12 de abril em Lusaca, na Zâmbia, toma parte da "Visita de conjunto", ao lado do Reitor-Mor e de outros membros do Conselho geral: aparece entre outros elementos a urgência de uma organização para leigos inspirados em Dom Bosco e para um impulso mais forte na comunicação social a serviço da educação e da evangelização.

— A segunda parte do mês de abril foi dedicada pelo Pe. Cuevas a uma prolongada visita aos grupos leigos da Família salesiana dos Estados Unidos. Em particular, de 15 a 20 toma parte no Congresso inspetorial dos Cooperadores em West Haverstraw: um encontro muito bem organizado e guiado pelos dirigentes para aprofundar a identidade do Cooperador e para relançar a organização local e inspetorial dos Cooperadores nesta vasta região dos Estados Unidos.

Durante a estadia em New Rochelle entra em contato com o:

Salesianos e os colaboradores do "Dom Bosco Multimedia Center" e com outros centros católicos que trabalham no setor da comunicação nos EUA.

— De 21 a 25 de abril, em São Francisco e em Los Angeles, encontra-se com os Delegados salesianos e as Filhas de Maria Auxiliadora que animam os diferentes grupos de Cooperadores e dialoga com os dirigentes das respectivas Associações. Nestes dias de estudo procura-se refletir sobre o significado da vocação do Cooperador salesiano no contexto da Igreja da América do Norte, e sobre o desenvolvimento apostólico e os compromissos missionários que estão surgindo na região de Los Angeles.

— No final de abril está no México. Dedicar alguns dias às reuniões formativas para o Conselho inspetorial dos Cooperadores, os Delegados salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora. Em outras reuniões encontra os dirigentes inspetoriais dos Ex-alunos. Outros dias foram dedicados aos comunicadores salesianos, responsáveis da editora e com os Superiores inspetoriais.

— Nos primeiros dias de maio o Pe. Cuevas esteve em Guadalajara, onde manteve um intenso programa de encontros informais, formativos e de animação com os dirigentes dos Cooperadores, com os grupos das Voluntárias de Dom Bosco, com os delegados locais e os Diretores interessados ao desenvolvimento dos grupos da Família salesiana. Algumas horas foram também reservadas aos salesianos da formação inicial (teólogos e pré-noviços) sobre os nossos compromissos como animadores dos Cooperadores e Ex-alunos e como responsáveis da Comunicação social ao serviço dos jovens.

— De volta à Europa, segue as atividades da Galeria de Arte organizada em Roma pela Confederação Mundial dos Ex-alunos. Entre o 6 e o 10 de maio toma parte ao encontro nacional dos jovens Ex-alunos da Espanha: um tema bem sugestivo reúne mais de uma centena de jovens que refletem e elaboram um conjunto de orientações sobre a “tarefa dos jovens Ex-alunos, como apóstolos entre os jovens”.

— De 13 a 15 de maio, com o Presidente Confederal dos Ex-alunos, participa do Congresso nacional dos Ex-alunos salesianos da França, em Samöens (Alta Savóia). Mais de 300 Ex-alunos estudaram o tema: “Viver e amar hoje: um desafio”. Interessante e significativo foi a participação dos Inspectores (de Paris e Lyon) com seus Conselheiros e Delegados para a Família Salesiana; presentes também as Superiores das FMA e representantes das VDB. Aprofundou-se a obra educativa de Dom Bosco, as respostas aos desafios do seu tempo como apóstolo e educador. A organização e o ambiente de fraternidade, bem cuidados pelos dirigentes dos Ex-alunos, foram dignos de elogio e deram ao encontro um significado de compromisso para o futuro. A presença e a palavra de Dom Pican, novo Bispo salesiano francês, foram muito estimulantes.

— Em Turim, de 19 a 29 de maio, realizou-se o *Seminário internacional dos Editores salesianos*, organizado como homenagem a Dom Bosco no Centenário. A feliz coincidência da primeira exposição internacional do livro organizada em Turim nos mesmos dias e da entrega, nos ambientes e no contexto da mesma manifestação, do prêmio “Grinzane-Cavour” organizado pela nossa SEI, abrilhantou e estimulou o nosso Seminário.

O Encontro, ao qual o Conselheiro geral participou, com os colaboradores do Dicastério, teve por tema: “O desafio cultural para a editoria salesiana”. Com claras intervenções de especialistas salesianos e seculares foram aprofundados a mentalidade e o comportamento de Dom Bosco diante dos desafios culturais de seu tempo e os critérios educativos que hoje servem aos Salesianos para responder com sabedoria aos novos indicadores culturais através dos anseios juvenis e populares.

— Finalmente, enquanto o Conselho geral iniciava sua sessão plenária, o Pe. Cuevas participava do Congresso nacional dos Ex-alunos da Espanha (4-6 de junho), organizado também em comemoração ao Centenário de Dom Bosco.

O Conselheiro para as Missões

Antes de participar do início das celebrações centenárias em Turim, o Pe. Luc Van Looy a 28 e 29 de janeiro participou do encontro de estudo sobre as Missões realizado em Benediktbeurn, na Alemanha.

A partir do dia 2 de fevereiro até o dia 23 de abril esteve na Bélgica-Norte realizando a Visita extraordinária. Interrompeu brevemente este trabalho para tomar parte da “Visita de conjunto” realizada em Lusaca para a África salesiana.

Terminada a Visita na Bélgica, o Conselheiro presidiu a reunião anual dos Procuradores das Missões, dos países europeus e dos EUA, que se reuniram em Varsóvia (Polônia, de 24 a 28 de abril) para estudar critérios de promoção humana.

De 3 de maio a 3 de junho dirigiu o curso de formação permanente, organizado especialmente para salesianos missionários. O

tema geral do curso foi: "salesianidade em contexto missionário". Participaram ativamente e com satisfação 36 irmãos missionários de 29 países.

O Ecônomo geral

Em Gênova-Sampierdarena, a 11 de dezembro de 1987, o Ecônomo geral abençoou o novo edifício-sede da Inspeção Lígure-Toscana.

A 31 de dezembro de 1987, na Basílica de Maria Auxiliadora em Turim-Valdocco, na Missa de ação de graças pelo final do ano, comenta a estréia do Reitor-Mor para 1988.

Após a conclusão da sessão plenária do Conselho e das celebrações do Centenário em Turim e nos Becchi, a 27 de fevereiro participa do encontro dos Ecônomos inspetoriais da CISI no Sagrado Coração em Roma.

Nos dias 1.º a 12 de março visita a Inspeção de Portugal. Em Lisboa encontra-se com os párocos da Inspeção para discutir aspectos jurídicos e econômicos da paróquia salesiana. Visita também a longínqua comunidade de Cabo Verde e depois também a da Ilha da Madeira.

É esperado no dia 9 de abril em São Paulo (Brasil) para um encontro com o Inspetor e com o Conselho inspetorial dessa Inspeção. Aproveita para passar por Brasília e por New Rochelle.

No dia 5 de maio, em Turim, na sede da SEI, encontra-se com o Conselho de Administração da Sociedade para a Assembléia de acionistas.

No dia 13 de maio, festa de Sta. Maria Mazzarello, está na comunidade das FMA do Instituto Cinecittà em Roma.

A 14 de maio, dia da profissão salesiana, entrega a "cruz do Bom

Pastor" à comunidade da Casa geral e aos seus hóspedes, em particular ao grupo de missionários do curso.

Viaja depois para Cisternino (Bríndisi) no dia 22 de maio para a celebração da festa de Maria Auxiliadora e para a inauguração do monumento a Dom Bosco na homônima praça da cidade.

No dia 29 de maio encontra-se em Roma-Sagrado Coração para a reunião dos Inspetores e ecônomos inspetoriais da CISI que examina e aprova o Diretório nacional na parte econômica.

O Conselheiro para a Região América Latina — Atlântico

Logo após a abertura do Centenário em Turim, o Pe. Carlos Techera partiu para a Inspeção de Bahia Blanca, na Argentina. Na cidade de Viedma participou da semana de pastoral organizada para programar as atividades do ano. Aproveitou para visitar algumas comunidades da Inspeção.

No dia 20 de fevereiro recebeu o Reitor-Mor, que chegava a Buenos Aires para pregar os Exercícios espirituais aos Diretores da Argentina, Paraguai, Uruguai e Chile. Este importante acontecimento, programado no contexto das celebrações centenárias, realizou-se em Fotín Mercedes. No final dos Exercícios espirituais, acompanhou o Reitor-Mor na visita a algumas comunidades e também no significativo encontro com os índios "Mapuches" (cf. crônica do Reitor-Mor em ACG 325, 4.1). Em seguida, acompanhando o Reitor-Mor, esteve em Brasília para as celebrações em honra de Dom Bosco (cf. mes. n.º).

No dia 3 de março o Pe. Techera começava a Visita extraordinária à Inspeção de Campo Grande

(Brasil), que se prolongou até a metade de maio. Interrompeu a Visita só em duas ocasiões: a 25 de março, para presidir as reuniões da Conferência do Brasil, em Barbacena, na Inspetoria de Belo Horizonte; e a 29 de abril, para reuniões semelhantes da Conferência inspetorial do Prata, em Viedma.

Muitas e ricas foram as experiências feitas sobretudo durante a Visita extraordinária, como por ex., aquelas vividas na celebração da Semana Santa entre os índios Xavante e Bororo. Pôde admirar o grande trabalho realizado pelos salesianos e pelas FMA naquelas regiões desde 1894. O reconhecimento de Arcebispos, Bispos, Leigos é muito grande! Durante a Visita teve oportunidade para visitar também quase todas as comunidades das FMA, os grupos de Cooperadores Salesianos, Voluntários de Dom Bosco, Ex-alunos, e também outros grupos da Família salesiana.

Um momento muito importante aconteceu a 14 de maio: o Conselho regional presidiu a celebração em que os salesianos de Campo Grande renovaram a sua profissão.

No final da Visita com a reunião dos Diretores e depois do Conselho inspetorial, o Pe. Techera encerrava o seu trabalho e voltava para a Itália. Tendo participado da festa de Maria Auxiliadora em Turim, voltava à Casa geral no dia 25 de maio.

O Conselheiro para a Região América Latina — Pacífico-Caribe

Após as solenes celebrações do início do ano centenário de Dom Bosco, o Pe. Ignacio Velasco viajou logo para a Região Pacífico-Caribe.

A primeira etapa de trabalho foi a Inspetoria do Peru, onde o Re-

gional encontrou-se com o inspetor e seu Conselho e fez visita às comunidades formadoras.

Logo depois partiu para o Chile, ficando alguns dias em Santiago. Após um encontro com o Inspetor e com o Conselho inspetorial, participou da celebração do 25.º aniversário de Sacerdócio de Dom Tomás González, que teve lugar na casa do Patrocínio de S. José, com numerosa presença de irmãos e membros da Família salesiana; esteve presente também o Card. Raúl Silva Henríquez.

Sucessivamente visitou a região sul do Chile, conhecendo as obras salesianas de Punta Arenas, Porvenir e Puerto Natales.

Depois do Chile, fez uma breve visita à Inspetoria de Bogotá; aqui encontrou o Inspetor e o novo Bispo salesiano, Vicário Apostólico do Ariari, Dom Héctor López.

Nos últimos dias de fevereiro iniciava a Visita extraordinária da Inspetoria "São Lucas" da Venezuela, terminando no final de maio.

Deve-se porém assinalar uma breve interrupção durante a Semana Santa para uma rápida nova visita ao Haiti.

Uma interrupção mais longa da Visita extraordinária aconteceu no final de abril e primeira semana de maio para acompanhar o Reitor-Mor em sua visita de animação antes no Panamá e depois no México (cf. Crônica do Reitor-Mor).

Voltava para Roma nos primeiros dias de junho.

O Conselheiro para a Região de Língua inglesa

Após a conclusão da sessão invernal do Conselho e das solenes celebrações centenárias, o Pe. Martin McPake viajou para os Estados Unidos onde passou quatro meses,

de fevereiro a maio, na Inspetoria Leste de New Rochelle, realizando a Visita extraordinária. Foram meses marcados pelo espírito do Centenário de Dom Bosco e assinados pelo entusiasmo que dele nasceu.

Logo que chegou na Inspetoria, o Visitador constatou em todos os ambientes os frutos da grande celebração que se realizou na Catedral de São Patricio, em Nova Iorque, onde diante de mais de 4000 pessoas S. Em.^a o Card. O'Connor expressava a sua estima não só pelo nosso Santo Fundador, mas também pelo seu VII Sucessor e pelos seus filhos nos EUA.

Celebrações semelhantes, também se numericamente menos imponentes, aconteceram durante esta Visita de quatro meses: em Tampa, em Miami, em Nova Orleans, em Columbus, em Boston, em Paterson etc. Em Boston o Card. Law competiu com o Card. O'Connor expressando o seu grande apreço por Dom Bosco, o atual Reitor-Mor e pelos seus filhos.

Memorável para o Conselheiro regional foi a breve visita no Canadá, onde a 21 de maio 2000 jovens reuniram-se no santuário de São José em Montreal para agradecer a Deus o presente de São João Bosco e para renovar o seu compromisso de jovens cristãos fiéis aos valores do Evangelho. Presidia essa celebração S. Ex.^a Dom Paul Grégoire, agora Cardeal, que na homilia afirmou que durante a sua vida a biografia de Dom Bosco foi o seu "livre de chevet" (livro de cabeceira), lido tantas vezes, anotado, e recomendado muitas vezes aos educadores da Arquidiocese.

O ponto mais alto da Visita foi o 14 de maio, quando, em comunhão com toda a Congregação, renovou-se a profissão. Bem cuidada na preparação, a celebração foi

muito bonita e fonte de alegria profunda em toda a Inspetoria. Hoje "ad perpetuam rei memoriam" foi colocado em cada comunidade um artístico pergaminho com a fórmula da profissão e a assinatura de todos os membros da comunidade.

Nestas celebrações sentiu-se claramente que os filhos de Dom Bosco fazem parte viva da Igreja dos Estados Unidos. Visto que a Igreja Católica demonstra-se neste país a única Igreja que continua a crescer e que no próximo século será 50% da população, o Visitador espera que os irmãos aumentem muito o número das vocações (atualmente bem reduzidas) para que possam continuar a dar sua contribuição à vida da Igreja.

O Conselheiro para a Região Ásia

O Conselheiro regional para a Ásia, deixando Roma a 3 de fevereiro, fez antes uma rápida visita a algumas comunidades das Inspetorias de Bangalore, Madras, Calcutá, Guwahati e Dimapur na Índia. Encontra-se com os Conselhos inspetoriais para uma troca de idéias e para a solução de alguns importantes problemas para o bom andamento das respectivas Inspetorias. Em particular na Inspetoria de Dimapur visitou quase todas as comunidades para promover a consulta da nomeação do Inspetor.

Sempre na Índia, o Pe. Thomas Panakezham presidiu uma reunião de todos os Inspetores: tratava-se da primeira reunião da "Presidência da Conferência inspetorial indiana" após a recente aprovação do Regulamento pelo Reitor-Mor com seu Conselho. Nesta reunião foram concretizadas algumas linhas de ação para a animação das comunidades formadoras, especialmente para a formação dos coadjuutores, como também para a anima-

ção dos Diretores. Foram também dadas orientações para o encontro dos animadores da Pastoral juvenil, que realizar-se-ia em Bangalore com o Pe. Vecchi; para o pessoal do projeto África; para a Comissão de educação em nível nacional. Estudou-se também uma programação para a visita do Reitor-Mor no próximo novembro.

No dia 22 de março o Conselheiro regional viajou para as Filipinas com o objetivo de visitar as comunidades formadoras; aí recebeu a profissão perpétua de 12 jovens irmãos.

A 28 de março iniciava a Visita extraordinária à Inspetoria "Maria Auxiliadora" com sede em Hong Kong (Inspetoria chinesa).

Interrompendo por alguns dias a Visita, o Pe. Panakezhm presidiu uma reunião dos Inspetores do Extremo Oriente, realizada em Seul, Shen-Wedl-Dong, de 12 a 14 de abril. Nesta reunião foi feita uma revisão da Visita de conjunto, realizada no ano passado em Hua Hin (Tailândia), para avaliar a execução das diretrizes dadas pelo Reitor-Mor e pelo Conselho geral após cada uma das Visitas extraordinárias, e para estudar o programa da Visita do Reitor-Mor no próximo novembro.

Voltando da Coréia, o Regional passou pelo Japão para visitar a comunidade formadora de Chofu, Tóquio. É consolador notar como na Coréia (11 noviços) e no Japão (8 noviços) existe um aumento de noviços e pré-noviços.

A 19 de abril retomava a Visita extraordinária, em Formosa onde a Inspetoria de Hong Kong tem três comunidades. Em seguida visitava também as três comunidades que a Inspetoria tem em Macau. A visita terminava a 29 de maio. É dever sublinhar o bom espírito que em todos os lugares se nota e a

marcante atividade escolar. É necessário rezar e trabalhar pelo aumento das vocações. O Pe. Thomas Panakezhm chegava a Roma no dia 30 de maio.

O Conselheiro para a Europa e a África Central

Terminando a sessão de inverno do Conselho geral e depois das celebrações centenárias de Dom Bosco com as solenes manifestações de Turim, o Pe. Domingos Britschu partiu para as casas da Região. Depois de uma visita à capital francesa, retomou a Visita extraordinária à Inspetoria da Alemanha Sul, com sede em Munique. Foi este trabalho que o absorveu quase completamente durante estes meses: a visita às comunidades e os encontros com toda a realidade salesiana de cada uma das obras lhe fez experimentar como esteja vivo nesta região o espírito de Dom Bosco.

Uma interrupção da Visita extraordinária foi necessária nos primeiros dias de abril, para participar da Visita de conjunto aos países da África, realizada em Lusaca.

Um momento de particular intensidade espiritual foi a celebração do 14 de maio, que o Pe. Britschu viveu em Ensdorf com numerosos irmãos da Inspetoria.

Deve-se lembrar nestes meses, visitas e encontros que o Regional teve em Paris e Viena, bem como a reunião da Conferência interinspetorial de língua alemã, com a presença do novo Inspetor de Ljubljana.

O Conselheiro para a Região Ibérica

Deixando Roma após o início do ano centenário de Dom Bosco, o Pe. José Antônio Rico dedicou a

maior parte do tempo — de 4 de fevereiro a 28 de maio — à Visita extraordinária na Inspetoria de Madri.

Durante o mês de fevereiro, todavia, dedicou uma semana para passar nas casas da Inspetoria de Barcelona e realizar a consulta para a nomeação do novo Inspetor. O mesmo fez no mês de abril na Inspetoria de León.

Nos dias 26 a 28 tomou parte no Congresso Nacional sobre a Formação Profissional realizado em Madri, por ocasião do Centenário da morte de Dom Bosco e do debate que o Governo espanhol abriu para a reforma da Formação Profissional.

No mês de março, entre os dias 12 e 20, acompanhou o Reitor-Mor na visita às Inspetorias de Sevilha e Córdoba, visita que teve como conclusão a participação no 1.º Congresso nacional dos "Hogares Don Bosco" (Lares Dom Bosco), em Madri.

Sempre em março, nos dias 21-22, reuniu a Conferência Inspetorial Ibérica; no dia 20, com todos os Inspetores e as Inspetoras da Espanha, foi nomeado o novo Delegado Nacional para os Cooperadores salesianos.

A Visita extraordinária à Inspetoria de Madri ofereceu a ocasião ao Conselheiro geral de visitar a Guiné Equatorial, onde ficou duas semanas conhecendo as quatro comunidades que aí trabalham. O ato mais importante foi a inauguração da obra de Bota com a presença de dois Bispos, do Vigário Geral da terceira Diocese guineana e do Governador da região.

No dia 14 de maio o Pe. Rico celebrou a renovação da Profissão antes com os teólogos de Madri e depois com as várias comunidades de irmãos e FMA, com as VDB e representantes dos Cooperadores.

Por fim, como estava fazendo a visita às casas de Madri, pregou a Novena de Maria Auxiliadora e celebrou sua festa na capital espanhola.

A Visita terminou com a reunião do Conselho inspetorial (27 de maio) e dos Diretores (28 de maio).

O Conselheiro para a Itália e o Oriente Médio

Após as festas centenárias em Turim e nos Becchi, o Regional para a Itália e o Oriente Médio viajava para o Vêneto onde iniciaria a Visita extraordinária à Inspetoria "São Marcos" de Mogliano. Mas uma súbita indisposição reteve-o antes no hospital e depois para um período de tratamento e de descanso.

Podia porém voltar a Mogliano-Vêneto no dia 24 de abril para promover a consulta inspetorial para a próxima nomeação do Inspetor e passava em todas as comunidades para se encontrar e sensibilizar os irmãos.

Durante estes meses participou algumas celebrações do Centenário de Dom Bosco: em Cerignola de Foggia, em Parma, em Bolonha, em Milão.

Em Roma, no mês de maio, presidiu o Debate Nacional '88, presentes Salesianos, FMA e jovens.

No dia 14 de maio, dia da Profissão salesiana, estava em Valdocco com o Reitor-Mor. Assim aproveitava para promover a consulta inspetorial na Inspetoria Subalpina, encontrando o Conselho inspetorial e os Diretores.

Esteve também no noviciado em Pinerolo, assim como anteriormente visitara o noviciado de Lanúvio. Encontrou-se igualmente com os estudantes de Teologia de Turim-

Crocetta. Antes ainda visitara os pós-noviços de Nave e Roma-São Tarcísio.

No dia 24 de maio participou das solenes celebrações da Auxiliadora em Turim.

De volta a Roma, nos dias 27 a 29 de maio presidiu as reuniões da Conferência das Inspetorias Salesianas da Itália.

O Delegado do Reitor-Mor para a Polônia

O Pe. Agustinho Dziejel, Delegado do Reitor-Mor para a Polônia, ao terminar a sessão plenária do Conselho geral partiu para a Polônia. Em Chestocova, reuniu os Inspetores para programar a próxima "Visita de conjunto" e as diferentes atividades em nível nacional.

Em seguida realizou a consulta para a escolha do Inspetor de Cracóvia; foi esta também uma ocasião para uma visita de animação em todas as comunidades locais da Inspetoria.

Por volta da metade de março recebeu o Secretário geral, Pe. Francisco Maraccani, e participou um pouco do encontro dos Secretários inspetoriais que teve lugar em Cracóvia.

No final de março viajou para a Zâmbia onde participou da "Visita de conjunto" realizada em Lusaca para os países da África. Aproveitou para visitar todas as presenças salesianas naquele país africano. De volta ficou alguns dias no Quênia para encontrar-se com quatro irmãos poloneses que estão se preparando para iniciar as missões salesianas em Uganda, e com outros quatro irmãos poloneses que estão terminando os estudos teológicos em Nairóbi.

Após uma breve permanência em Roma retornou à Polônia. Aqui

realizou outra reunião com os quatro Inspetores para relatar a "Visita de conjunto" de Lusaca e a situação das Missões na Zâmbia e para agilizar os trabalhos da Conferência das Inspetorias Salesianas da Polônia.

De 13 a 26 de maio acompanhou o Conselheiro para a Formação, Pe. Paulo Natali, em suas visitas às onze comunidades formadoras da Polônia e às três comunidades de professores e estudantes.

Por fim, nos últimos dias de maio, acompanhou o Reitor-Mor em sua visita à Polônia e nas celebrações nacionais que se realizaram em Poznán, com a participação de toda a Família salesiana, em comemoração ao centenário da morte de Dom Bosco.

O Secretário geral

Na programação do sexênio, o Secretário geral, além do trabalho na sede e alguns encontros de animação espiritual (entre os quais a pregação dos Exercícios a um grupo de irmãos da Inspetoria de Barcelona), continuou em seu trabalho de contato com os Secretários inspetoriais, com o objetivo de estudar com eles as implicações de direito universal e do nosso direito na organização das nossas Inspetorias.

No mês de março encontrou-se com os Secretários inspetoriais das Inspetorias da Polônia que, de acordo com o Delegado do Reitor-Mor, reuniram-se em Cracóvia, na sede Inspetorial. Em cinco dias de trabalho (de 14 a 19 de março) foram enfrentados em conjunto muitos temas relativos à organização das Secretarias e dos Arquivos inspetoriais, e aos problemas de comunicação entre as Inspetorias e o Centro da Congregação.

Após a reunião com os Secretários inspetoriais, o Pe. Maraccani

teve a oportunidade de visitar diferentes comunidades da Polônia, sobretudo as comunidades formadoras (o estudantado filosófico e teológico de Cracóvia, os noviciados de Kopiec e de Czerwinsk, o pós-noviciado de Katno-Worzniaków, o teologado de Lad), encontrando-

-se com os jovens irmãos e constatando em todos os ambientes a impressão de um vivo amor a Dom Bosco e à Congregação. Muito enriquecedoras para o conhecimento da obra salesiana foram as visitas em Oswiecim, Lódz, Plock e Varsóvia.

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS

5.1. Dom Bosco e o mundo do trabalho

Discurso do Rector-Mor no Teatro "La Scala" de Milão.

No contexto das celebrações centenárias de Dom Bosco, a Família salesiana da Lombardia e Emilia com a Prefeitura de Milão organizou uma solene comemoração cívica no dia 18 de abril no Teatro "La Scala", um dos ambientes artísticos mais conhecidos do mundo. Ao lado do Rector-Mor, do Prefeito da cidade de Milão, dos dois cardeais salesianos, Afonso Stöckler e Rosário Castilho Lara, do Inspector e de vários Conselheiros gerais, estavam presentes o cardeal Arcebispo Carlos M. Martini com cinco dos seus Bispos auxiliares, o Card. João Colombo, arcebispo emérito da Diocese, a Secretária geral das FMA, representando a Madre geral, parlamentares e prefeitos da Região, numerosos representantes diplomáticos com sede em Milão. No grande teatro, lotado de milaneses e membros da Família salesiana, o Prefeito saudou os presentes, evidenciando os motivos da celebração. Em seguida o Card. Martini fez uma breve e profunda reflexão sobre a escolha juvenil da Igreja hoje, à imitação de Dom Bosco. Em seguida houve a exposição do Rector-Mor sobre "Dom Bosco e o mundo do trabalho". Após uma maravilhosa apresentação musical, o Presidente do Senado da República Italiana, Sen. Giovanni Spadolini, encerrou a manifestação com uma válida apresentação da ação de Dom Bosco no seu tempo.

Apresentamos aqui na íntegra o discurso do Rector-Mor.

*Senhor Prefeito,
Eminências Reverendíssimas,
Excelências,
Autoridades Cívicas, Militares,
Políticas e Religiosas da
Cidade de Milão,
Senhores Diplomatas, representantes de vários países do mundo,
Queridos amigos de Dom Bosco e da Família Salesiana,
Senhoras e Senhores,*

antes de tomar a palavra aqui em "La Scala", tão famosa no mundo, para falar de Dom Bosco, gostaria de dirigir um pensamento ao Senador Ruffilli, ex-aluno salesiano, morto poucas horas após ter participado do lançamento de um livro que narra as memórias do Oratório "São Luís" de Forlì, onde crescera. Neste momento estão se realizando as homenagens oficiais, com a presença do Presidente da República, o Presidente do Senado, que assegurou todavia sua presença em "La Scala" antes do final da manifestação.

Agradecendo ao Prefeito de Milão, ex-aluno salesiano da minha querida cidade de Sôndrio, por proporcionar-nos a ocasião e a honra de lembrar Dom Bosco em "La Scala", no Templo da Música, gostaria de dizer que o nosso Santo amou muito a música e não seria fora de lugar acenar aqui. Dom Bosco fez da música um válido elemento de educação, organizando uma espécie de escola musical para os garotos do seu oratório. Entre os seus alunos esteve o futuro cardeal João Cagliero, compositor de missas e de célebres melodias elogiadas pelo próprio José Verdi.

Considero particularmente significativo que a comemoração de Dom Bosco se realize numa Milão que ainda recentemente a importante revista americana "Time" definia como a cidade em que vigora a tradição do trabalho, dos negócios, do progresso. Gostaria de traçar em breves palavras a figura histórica deste grande educador exatamente considerando os valores do trabalho por ele promovidos entre os jovens do povo.

A atual exigência de uma "civilização do trabalho"

Iniciemos com uma observação preliminar.

O trabalho está no centro da sociedade atual; condiciona os progressos e os desequilíbrios; e constitui uma das causas principais de suas crises. *O trabalho* — afirma a encíclica *Laborem Exercens* — é, de alguma maneira, a chave de toda a questão social (LE 3).

É urgente portanto a tarefa de promover uma verdadeira civilização do trabalho.

Mas esta visão supõe uma profunda transformação cultural que traduza na prática, vivida socialmente, as verdades fundamentais que se relacionam com o trabalho humano. Formular hoje integralmente esta doutrina é um desafio que obriga até a repensar o grande mandamento evangélico do amor para uma sua adequada aplicação social.

Costuma-se distinguir o trabalho como fato "objetivo", que condiciona sua natureza, de sua dimensão "subjetiva" que atinge a consciência e a competência das pessoas. Em ambos os aspectos as instâncias são múltiplas e bastante complexas.

Certamente não se pode apresentar Dom Bosco como um visionário

profético que receita fórmulas para os graves problemas atuais do trabalho como fato social objetivo.

Porém o seu infatigável testemunho oferece uma mensagem original principalmente na linha da "dimensão subjetiva" do trabalho.

Nesta linha a possibilidade de uma "civilização do trabalho" traz consigo a superação do conceito de formação artesanal e técnica entendida como simples treinamento e requer a passagem para uma visão integral do homem: "o homem, de fato, é princípio, sujeito e fim da atividade trabalhadora!".

A originalidade da contribuição de Dom Bosco para o mundo do trabalho caracteriza-se pela *intencionalidade educativa* que cuida da totalidade da pessoa no jovem aprendiz, desde a idéia da promoção humana que visa a habilitação e a profissionalidade, até à *dimensão social e ética* (a formação do honesto cidadão) que não insiste só sobre os direitos a serem exigidos mas também sobre os deveres a serem cumpridos.

Dom Bosco, homem apaixonado pelo trabalho

Sem dúvida, na origem da qualificação de "Santo do trabalho" dado a Dom Bosco e da sua proclamação a "Padroeiro dos aprendizes" está o fato da sua idéia e estima pelo trabalho, no sentido de uma *dedicação pessoal a uma atividade, carregada de criatividade e de espírito de sacrifício*.

Nascido numa época de dura pobreza e de quase generalizado emprego de mão-de-obra juvenil, último de três irmãos, órfão de pai já aos dois anos, Joãozinho teve que enfrentar precocemente o trabalho duro nos campos, antes em seu lugarejo e depois no sítio de outros

como empregado. Aos quinze anos, para poder seguir os estudos, teve que se afastar da família, morar na casa de um alfaiate, quando no tempo livre foi aprendendo a profissão daquele que o hospedava, aprendendo também a música e a tocar o órgão, o violino e o canto gregoriano. Passou também muitas horas na oficina de um serralheiro aprendendo a manusear o martelo e a lima.

Em Chieri, durante os seus estudos superiores, não deixou de frequentar a oficina de um marceneiro e de um sapateiro, aprendendo assim também a plainar, a esquadriar, a consertar e costurar sapatos.

O ideal que o sustentava era o de estudar, mas ao mesmo tempo fazia experiência da eficácia do trabalho manual como fonte de sustento, como elemento formativo do espírito e como amadurecimento na responsabilidade da vida.

Demonstrou sempre, também após ter chegado ao sacerdócio, uma extraordinária capacidade e dedicação à atividade e à organização. A doença que quase o levará ao túmulo tem sobretudo um nome: esgotamento pelo muito trabalho. Em 1884, em Marselha, o médico Combal, da Universidade de Montpellier, que o visitou, assim se expressara: "O Senhor consumiu a vida pelo muito trabalho. É um vestido gasto, porque sempre usado seja nos dias festivos seja nos dias da semana".

Deve-se observar, em particular, que Dom Bosco, em sua prática, demonstrou sempre uma sensibilidade especial em relação aos tantos aspectos positivos daquela "laicidade", peculiar do mundo do trabalho, que é reconhecimento da bondade e ordem própria da criação e testemunho da realza que o homem exerce sobre a criação através de suas atividades.

O seu primeiro contato com os jovens trabalhadores

Fixando residência em Turim, encontra-se, em seu ministério sacerdotal, imediatamente em contato com um fenômeno novo: os *inícios da questão social dos trabalhadores*.

A cidade, de grande centro artesanal, estava se encaminhando com pequenos mas rápidos passos no caminho da transição para a industrialização. Atraídos pela possibilidade de uma ocupação, famílias inteiras invadiam, por determinados períodos ou definitivamente, a capital piemontesa. Ia assim crescendo um proletariado urbano, no interior do qual a faixa mais fraca e sem esperança era a juvenil. É ao serviço desta faixa que Dom Bosco amadurece a sua opção de educador para o mundo do trabalho. Os primeiros jovens com os quais entra em contato nos anos quarenta são descritos por ele como "canteiros, pedreiros, estucadores, calceteiros... que vinham de localidades distantes... savoiardos, valdostanos, bielezes, novareses, lombardos...".

Idealiza como forma inicial de intervenção para os mais necessitados o *Oratório*, ambiente que na prática revela-se de grande eficácia formadora individual e de notável influência social. Dedicava o domingo a educá-los; ao longo da semana, escandalizando vários elementos do clero, vai visitá-los em seus trabalhos, nas oficinas, nos negócios, entre os andaimes das casas em construção.

Além disso, afirma ele mesmo em suas "Memórias", "todos os sábados ia às prisões com os bolsos cheios de fumo ou de frutas, ou de pãezinhos, sempre com o objetivo de atender aos rapazes que tinham a desgraça de serem encarcerados, e assisti-los, torná-los amigos...".

Pude então constatar que os rapazes que saem de lugares de castigo, caso encontrem mão bondosa que deles cuide, os assista nos domingos, procure arranjar-lhes emprego com bons patrões... tais rapazes dão-se a uma vida honrada”.

Mas cedo Dom Bosco constatou que isto não era suficiente. Foi-se conscientizando que a ignorância era uma das causas da insustentável situação em que os jovens se encontravam. Era preciso instruí-los. A sua promoção humana e social só podia se fundamentar sobre uma base cultural que pudessem apresentar aos empregadores.

E ei-lo então a organizar no seu Oratório uma escola dominical e uma escola noturna com aulas de leitura, escrita, desenho, matemática, história, canto e música, às vezes com textos escritos por ele mesmo: uma iniciativa articulada de ensino que hoje poderíamos definir como escola complementar à profissão.

A etapa da casa-internato e de tutela nos contratos

Veio a explosão patriótica de 1848-1849 a deflagrar aquele movimento “risorgimental” que teria levado depois à unificação nacional e a uma profunda reestruturação da sociedade.

Superada a primeira fase crítica, Dom Bosco deu um passo adiante, decisivo em sua escolha educativa: o de lhes dar também alimentação, roupa e moradia.

Além disso interessou-se por várias formas de patronato a favor dos aprendizes da classe operária e de uma Sociedade de socorro mútuo, cujo regulamento demonstra o espírito prático e os sábios princípios de solidariedade e de clareza

ética. A caixa comum, fruto de pequenas contribuições individuais e de livres doações, providenciaria o sustento cotidiano ao jovem eventualmente desempregado e doente, ou a outras necessidades de cada um dos membros.

E é sempre deste período a decisão de formular os tão conhecidos “*contratos de trabalho*”, claros na defesa dos direitos e deveres fundamentais do jovem aprendiz e do empregador. Estão fixados todos os particulares de retribuição, do respeito, das exigências morais, do repouso dominical, da previdência em caso de doença e de outros incidentes, da proibição de colocar o aprendiz em trabalhos estranhos à sua profissão, de gradual habilitação as mais altas responsabilidades.

Falou-se e escreveu-se sobre estes contratos; hoje alguém os definiria como “pré-sindicais”. É preciso porém lembrar que, na sua origem de colocar os jovens num lugar de trabalho e assinar contratos de aprendizagem, havia aquela “paixão educativa” que o envolve alma e corpo na promoção humana e cristã dos jovens do povo para torná-los honestos e corresponsáveis cidadãos.

Mais do que pinta de sindicalista pioneiro ou empregador cristão, Dom Bosco revela claras opções pedagógicas diante do mundo do trabalho.

A implantação dos “laboratórios” e a formação dos “chefes de oficinas”

Mas também isto não lhe foi suficiente. As oficinas dos artesãos e os ambientes das primeiras fábricas eram muitas vezes lugar onde, antes mesmo de uma educação integral, os jovens encontra-

vam ocasiões de deviações morais, de vexames e de perda da fé. Não era fácil encontrar suficientes empregadores honestos. Já despontava no horizonte o fenômeno da descristianização das massas populares; a divisão entre mundo do trabalho e Evangelho teria acontecido em breve. E assim as uniões operárias, excluindo os patrões, iam substituindo as sociedades de socorro mútuo dos anos anteriores e assumiam atitudes fortemente críticas em relação à religiosidade popular.

Destá maneira, enquanto ainda não tinha suficiente dinheiro para pagar a construção (em Valdocco) da igreja de São Francisco de Sales, já em sua fase de complementação, começou a bater em todos os cantos para levantar os novos prédios onde funcionariam "*escolas e oficinas bem simples*"; nelas, com a aprendizagem de uma profissão, cuidar-se-ia para que os jovens adquirissem a consciência ética e cristã de honesto trabalhador. Por volta de 1853 iniciou pequenas oficinas de sapataria e alfaiataria; depois, em 1854, a de encadernação, em 1855, de marcenaria, em 1862, de serralheria. Oficinas onde às vezes ele foi o primeiro mestre graças às breves experiências do trabalho juvenil. Em 1861, depois de vários anos de espera, conseguiu montar *uma tipografia*, que se tornaria em breve o centro propulsor de muitas atividades em Valdocco, dando trabalho aos jovens, comprando também uma máquina para fazer papel e imprimindo uma montanha de livros e fascículos. Investiu grandes quantias para melhorar continuamente as máquinas e estar, como ele disse, na vanguarda do progresso: Dom Bosco apreciava as invenções técnicas. Teve, também entre dificuldades buro-

cráticas e econômicas, reconhecimentos de estima, primeiro entre todos aquele obtido na exposição nacional de Turim de 1884.

Mas desde os anos cinquenta experimentara que não podia fazer tudo sozinho: teve que assumir chefes de oficina externos, confiando-lhes a responsabilidade da administração das pequenas oficinas. Em parte ficou desiludido, porque vários deles pensavam em lucrar, produzir, mais do que ensinar. Ele no entanto, é bom repeti-lo mais uma vez, entendia a oficina como uma verdadeira "escola de aprendizagem" integral.

Diante deste desafio, ele elaborou um projeto audaz: convidar os melhores alunos que já dominavam uma profissão e outros a ficarem com ele para se dedicarem totalmente ao serviço dos jovens aprendizes. Nasceu assim a figura original do *Salesiano leigo consagrado*, o "*Coadjuutor*", que, religioso igual aos seus irmãos sacerdotes, colocava a sua habilidade técnica e as suas capacidades educativas gratuitamente a serviço da juventude na fase de aprendizagem.

Surgia desta maneira na cidade-pensionato de Valdocco um germe de aprendizagem artesanal que, não muito tempo depois, com adequados programas e ensino metódico, teria amadurecido em *verdadeiras e próprias escolas profissionais*. Dom Bosco ao final da vida viu já as primeiras realizações com os centros de artes e ofícios em S. Benigno Canavese, Gênova-Sampierdarena, Nice, Marselha (na França), Barcelona (na Espanha), e Buenos Aires, Niterói e São Paulo (na América Latina).

Em todas estas iniciativas é preciso acrescentar uma clara intuição da crescente *importância das clas-*

ses populares na estruturação da nova sociedade. A evolução sócio-cultural fazia crescer cada dia mais a importância que estava assumindo o povo. Era preciso saber construir a nova pátria com as pessoas “de enxada e martelo”, formando-lhes a consciência de honestos e competentes cidadãos.

Então: neste trabalho educativo podemos captar uma mensagem profética de Dom Bosco válida ainda hoje.

Sua mensagem para uma cultura do trabalho

Mas, alguém perguntará, depois de mais de cem anos, que mensagem dele pode chegar até nós que vivemos em sistemas econômicos e sociais profundamente diferentes?

a — Antes de tudo, Dom Bosco nos lembra que no *centro* de toda preocupação familiar, social, política, econômica *deve estar o homem, neste caso os jovens*, com suas necessidades, as suas esperanças e a dignidade da sua pessoa. A ótica de Dom Bosco na variedade e multiplicidade das intervenções foi sempre a *educativa* e nunca deixou de lembrá-la a todos de maneira particular às autoridades constituídas, a quem, entre outras coisas, favoráveis ou contrárias que fossem, sempre reconheceu a nobre tarefa de trabalhar em estruturas mais amplas da sociedade, de definir a convivência civil, de estudar formas de justa distribuição das riquezas, de recompor o tecido social triturado pelas guerras de independência. Dom Bosco sempre sustentou a *indispensabilidade da tarefa educativa*: o primeiro sujeito do trabalho é o homem.

Dom Bosco situou-se exatamente *nesta perspectiva cultural*: o primado do homem sobre o trabalho;

o primado do trabalho subjetivo sobre o objetivo; o primado do trabalhador sobre o capital; o primado da consciência sobre a técnica; o primado da solidariedade sobre os interesses individuais ou de grupos privilegiados.

Tudo isto exige um forte impulso espiritual que Dom Bosco confiava ao ensino religioso e que a encíclica *Laborem Exercens* repropõe hoje através do “evangelho do trabalho” num atualizado e sempre aberto “ensinamento social da Igreja”.

b — Dom Bosco, porém, *apreciava também o aspecto objetivo do trabalho*. Estava atento às evoluções da incipiente indústria e interessado nas várias *contribuições da técnica*. Intuia nestas conquistas do progresso humano novos horizontes de chances de bem. Experimentou-o sobretudo no campo tipográfico.

A técnica é sem dúvida um dos maiores coeficientes das grandes mudanças da civilização de um mundo rural para o industrial e da indústria até a atual corrida pós-industrial. Certamente a técnica ao serviço do egoísmo e das ideologias materialistas, que não sabem intuir de maneira integral a solidariedade, pode tornar-se instrumento de tantas injustiças e desmandos e favorecer o surgimento de uma sociedade do bem-estar e do consumo que não respeita nem o homem todo nem, muito menos, todos os homens.

Porém também é verdade que *a técnica é um bem*; é fruto da inteligência e da ciência que são certamente um grande bem; se em lugar de ser colocada ao serviço do egoísmo fosse utilizada ao serviço do amor, que imensas vantagens encontraria a humanidade.

Ela é uma indispensável “aliada do trabalho” — como a chamou João Paulo II (LE 5) — e veio colocando as bases para repropor de maneira nova seja a impositação dos problemas do trabalho, seja a reflexão social do grande mandamento evangélico da caridade.

Dom Bosco, como vimos, ensina a apreciar os valores da verdadeira “laicidade” que constituem o mundo do trabalho; a tomar em consideração a importância da ordem temporal, a estar abertos aos progressos das ciências; a estimular e a ter competência na organização (também em nível empresarial), e tudo o que facilita, aperfeiçoa, acelera, multiplica o trabalho, situando-o porém no contexto da ética e do amor, assim *que a laicidade e a técnica não sejam “adversárias do homem”*. O saber conservar uma justa afirmação delas, sem exaltá-las com desvios unilaterais, é um desafio contínuo e fundamental para uma verdadeira cultura do trabalho.

Hoje, após o Concílio Vaticano II, podemos afirmar que o Cristianismo redescobriu os valores da criação e da laicidade, enquanto os cultores dos valores laicais percebem (também se implicitamente) a indispensabilidade das contribuições do Evangelho.

c — Numa hora em que a indústria e o comércio iam-se desenvolvendo em ritmo acelerado, Dom Bosco deu ao trabalho e à ocupação juvenil o lugar que mereciam no campo da educação e na estima social. *Soube encarnar os anseios de uma “cultura do trabalho” numa metodologia pedagógica e didática.* A profissão não como escravidão ou como simples diversão, mas como profissão e nobre dever, poderoso fator de bem material, moral, individual, familiar, social,

fonte de satisfação, em evidente conflito com a obediência do trabalhador à máquina e à produção pela produção.

Entendeu *eleva o trabalho à dignidade de escola*, para além do programa estritamente profissional e do resultado econômico.

Como concluía o primeiro artigo do Regulamento em uso em suas casas, tríplice era a orientação que se dava à educação dos aprendizes: ético-religiosa, intelectual-cultural e técnico-profissional. Elevava assim o jovem trabalhador, de mercadoria barata, a livre colaborador do Bem comum em harmonia com o empregador, de acordo com a própria dignidade de cidadão e as próprias competências.

Ele soube infundir nos seus alunos *a alegria e o apreço pelo trabalho*: isto transparece pela serena felicidade, pelo entusiasmo de milhares de alunos educados por verem na sua profissão a valorização da pessoa, a preservação dos perigos do mau uso da liberdade e do tempo livre, a chave da sua posição social interpretada não só como direito, mas também como dever.

d — Ainda. Dom Bosco lutou e trabalhou para eliminar o *contraste existente entre estudo e trabalho*, entre os estudantes e profissionais liberais com os trabalhadores e artesãos ou “artistas” como então costumava-se dizer. Sob o mesmo teto colocou a sala de aula e a oficina; a máquina estava ao lado do livro, a *técnica caminhava junto com a cultura humanista* e constituía assim um exemplo de comunidade fraterna onde *as diferenças de profissão deviam ser superadas*: não luta de classe mas convergência, comunhão, colaboração na diversidade. Com o mesmo sistema

pedagógico feito de espírito de família, de serenidade e alegria, de confiança recíproca entre educador, chefe de oficina e aluno, educou ambas as divisões de jovens sobre a mesma base religiosa, ética e civil; modulou assim a comunhão social na diversidade.

e — homem prático, mais do que teórico, *enfrentava com coragem e criatividade os problemas mais urgentes* da situação real, ajudando os jovens de fato e logo, envolvendo-os numa inicial solução de suas dificuldades.

Muitas vezes na sociedade do século passado, também por motivos mais prementes, não se conseguia realizar um plano nem no aspecto legislativo, nem no de uma intervenção social imediata. Mas os jovens não podiam esperar.

Reconhecê-lo-á um jornal não muito favorável ao clero, *Il Secolo di Milano*. No dia seguinte à visita de Dom Bosco à cidade, no mês de setembro de 1886, escrevia: “É este (Dom Bosco) entre os mais ativos propagadores das doutrinas clericais e entre os mais inteligentes porque não se limita a pregar, mas trabalha sempre sem parar, criando instituições de todo tipo, internatos, missões, recolhendo os pobres, fazendo tudo aquilo que deveriam fazer os liberais”.

Conclusão

Eis, Senhoras e Senhores, uma mensagem certamente útil também para o atual mundo do trabalho.

No-lo formulou um Santo que entregou numa incessante atividade toda a sua vida, que criou obras educativas para os jovens aprendizes, que intuiu a urgência de uma cultura do trabalho, que promoveu a solidariedade social, que introdu-

ziu uma dimensão “laical” de uma profissionalidade trabalhadora nas suas comunidades de vida consagrada, e que por fim fez do trabalho uma mediação de santidade com uma espiritualidade e uma ascese modernas, adequadas à nova antropologia e à sociedade em mudança.

A relação de Dom Bosco com o mundo do trabalho é, sem dúvida, um aspecto significativo daquilo que ele deixa como preciosa e multifforme herança a cem anos de sua morte.

Éra justo que refletíssemos brevemente juntos aqui em Milão.

Obrigado!

Pe. Egídio Viganó

5.2. Nova Visitadoria da África Leste

prot. n. 025/88

O REITOR-MOR
da Sociedade Salesiana
de São João Bosco

- considerada atentamente a situação da Obra Salesiana na África região Leste,
- vistos os artigos 156 e 158 das Constituições,
- tendo recebido a aprovação do Conselho Geral na reunião ordinária do dia 19 de janeiro de 1988, obedecendo às normas dos artigos 132 e 156 das Constituições:

DECRETA

1. Fica extinta a Delegação Inspetorial para as Casas Salesianas da África do Leste pertencentes à Inspetoria “São Francisco Xavier”, com sede em Bombaim, Índia, e

trabalhando no Quênia, Sudão e Tanzânia.

2. Fica instituída a VISITADORIA "SÃO JOÃO BOSCO" formada pelas casas lembradas no n. 1.

3. A esta Visitadoria "São João Bosco" com sede em Nairóbi (Quênia), pertencerão os irmãos que fazem parte da Delegação Inspetorial lembrada no n. 1, entrando em vigor o presente Decreto.

4. O presente Decreto entrará em vigor no dia 24 de junho, Solemnidade de São João Batista, Precursor do Senhor.

Roma, 10 de junho de 1988.

EGÍDIO VIGANÓ
Reitor-Mor

PE. FRANCISCO MARACCANI
Secretário Geral

5.3. Novo Cardeal Salesiano

A 29 de maio de 1988 o Santo Padre comunicava que no Concílio que se realizaria a 28 de junho seria incorporado ao Colégio cardinalício, entre outros, o Bispo salesiano, Dom Antônio JAVIERRE ORTAS, atualmente Secretário da Congregação para a Educação Católica.

Antônio Javierre Ortas nasceu em Siétamo, na Diocese de Huesca (Espanha), a 22 de fevereiro de 1921. Entrou no colégio salesiano de Huesca e fez o Noviciado em Girona, professando como salesiano a 11 de setembro de 1940. Salesiano para sempre em 1946, fez os estudos teológicos em Salamanca, onde foi ordenado sacerdote a 24 de abril de 1949.

Diplomado em Teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana em 1951, foi professor no PAS-UPS a partir daquele ano até 1976. Estu-

dou de maneira aprofundada o problema da sucessão apostólica nos séculos, o milagre e a temática ecumênica (ensinava teologia fundamental). Sobre estes temas produziu várias publicações e artigos.

Foi decano da Faculdade de Teologia de 1959 a 1968, Reitor Magnífico da Universidade de 1971 a 1974 e de 1972 a 1974 também delegado do Reitor-Mor (superior religioso) para a UPS. Em 1971-72 participou do CGS da Congregação.

Em 1976, eleito Arcebispo titular de Meta, era chamado a trabalhar como Secretário da Congregação para a Educação Católica.

5.4. Novos Bispos Salesianos

Apresentamos algumas breves notícias sobre irmãos salesianos elevados ao Episcopado nestes últimos meses.

1. Dom Pierre PICAN, Bispo Coadjuutor de Bayeux e Lisieux

A 10 de março de 1988 o Osservatore Romano publicava a notícia da nomeação do sacerdote salesiano Pierre PICAN a Bispo Coadjuutor da Diocese de Bayeux e Lisieux.

Pierre Pican nasceu em Saint Nicolas, na Diocese de Coutances (França), a 27 de fevereiro de 1935. Entrou com 12 anos no aspirantado de Giel e fez o Noviciado em Dormans, professando como salesiano a 4 de setembro de 1955. Após a profissão perpétua no mês de setembro de 1963, fez os estudos teológicos no Estudantado de Lyon e foi ordenado sacerdote em Coat-an-Doc'h a 23 de abril de 1966.

Alcançada a licenciatura em letras, foi chamado a dirigir a casa de Caen em 1974, ao mesmo tempo entrava a fazer parte do Conselho

inspetorial. Somente um ano depois os Superiores chamavam-no a guiar a Inspetoria de Paris na qualidade de Inspetor.

Terminado o sexénio de serviço como Superior, passava a dirigir o centro de formação profissional de Caen, encargo que recobria quando foi chamado para o serviço episcopal.

2. *Dom Zacarias ORTIZ, Vicário Apostólico do Chaco Paraguai*

No dia 7 de abril de 1988 o Osservatore Romano anunciava que o Santo Padre escolhera como Vicário Apostólico do Chaco Paraguai, em substituição a Dom Alejo Obelar, que se retirara por ter alcançado o limite de idade, o nosso irmão Dom Zacarias ORTIZ, atualmente Inspetor do Paraguai.

Zacarias Ortiz nasceu em Arroyos y Esteros, na Diocese de Concepción (Paraguai), no dia 6 de setembro de 1934. Aos quinze anos entrou no colégio salesiano "Domingos Sávio" em Rosário (Argentina); no mês de janeiro de 1954 inicia o Noviciado em Alvear (Argentina) e terminando-o fazia a sua primeira profissão.

Após a primeira experiência salesiana, a 14 de janeiro de 1961 tornava-se salesiano para sempre. Feitos depois os estudos teológicos, era ordenado sacerdote em Córdoba (Argentina) a 14 de agosto de 1965.

Alcançada a licença em Teologia Pastoral, exerceu o serviço de Pároco, depois de Diretor no Colégio "São Vicente" de Assunção, de onde em 1983 passou a dirigir o aspirantado de Yapacará. Após ter participado ao CG22, em 1985 foi chamado a ser Vicário inspetorial e, um ano depois, Inspetor da Inspetoria do Paraguai.

3. *Dom Carlos Felipe XIMENES BELO, eleito Bispo*

A 16 de abril de 1988 era publicada a nomeação a Bispo do Salesiano Dom Carlos Felipe XIMENES BELO. Ele terá o título de Bispo de Catula, conservando o encargo de Administrador Apostólico de Dili (Timor Ocidental).

Carlos F. Ximenes Belo nascera na ilha de Timor (Indonésia) em Uailacama (Baukau) a 3 de fevereiro de 1948. Tendo entrado com 13 anos na casa salesiana de Ossu (Timor), foi admitido no Noviciado de Manique (Portugal), onde fez a primeira profissão a 21 de setembro de 1973.

Após a experiência do tirocínio, iniciou os estudos teológicos em Estoril, em Portugal, e os completou na Universidade Pontifícia Salesiana de Roma. A 26 de julho de 1980 era ordenado sacerdote em Lisboa.

Alcançada a licença em Teologia espiritual, em 1981 foi chamado a dirigir os Noviços salesianos na casa de Fatumaca (Timor), até quando a Sé Apostólica, em 1983, o elegeu Administrador Apostólico de Dili.

4. *Dom Jesús JUAREZ PARRAGA, Bispo Auxiliar de la Paz*

O Santo Padre elegeu como Auxiliar do Arcebispo de La Paz (Bolívia) o nosso irmão Jesús JUAREZ PARRAGA, atualmente diretor do Centro catequético de La Paz.

Jesús Juarez nasceu na Espanha, em Alquerías, na Diocese de Cartagena, a 22 de julho de 1942. Estudou no aspirantado de Cabezo de Torres. Após o Noviciado feito na mesma casa, professava na Sociedade salesiana a 16 de agosto de 1961.

Tendo pedido para ir às Missões, foi mandado para a Bolívia para fazer o tirocínio prático. De volta à Europa para os estudos de Teologia, que realizou em Benedikt-beuern (Alemanha), foi ordenado sacerdote no seu país natal, a Espanha, a 16 de dezembro de 1972.

De volta à Bolívia, foi mandado para a Muyurina como animador pastoral.

Dois anos depois vinha para Roma para completar os estudos na Universidade Pontifícia Salesiana: aqui conseguia o diploma em Teologia espiritual.

De volta à Bolívia, em 1979 era nomeado Vicário inspetorial e em 1982 Diretor da casa "Maria Auxiliadora" de La Paz.

5.5. Irmãos falecidos (1988 — 2.º elenco)

NOME	LUGAR e DATA da morte	IDADE	INSP.
P ALBERTO Fancesco	Catania	05-04-88	52 ISI
L ALLARIA Giuseppe	Castellamare di Stabia	25-05-88	104 IME
P ALVARADO PINEDA Miguel	Santa Ana	19-05-88	59 CAM
P BALLARI Antonio	Córdoba	04-04-88	78 ACO
P BARATTO Giacomo	Bardolino	12-04-88	78 IVO
P BEZZE Eliseo	S. Antonio de los Altos	07-03-88	58 VEN
P BIROCCHI Tommaso	Sassari	09-03-88	72 ISA
P CARUZZO Tomás José	Córdoba	17-02-88	80 ACO
P CESARZ Eugeniusz	Plock	22-05-88	62 PLE
P CESLAR Albin	Pusina	30-03-88	69 JUZ
L CASTRO Alejandro	Neiva	12-04-88	88 COB
P CONTRERAS AZOCAR Luis Raul	Iquique	16-02-88	84 CIL
P DEL PIERO Luis	Buenos Aires	05-06-88	93 ABB
L DEMMEL Ludwig	Benediktbeuern	19-03-88	82 GEM
L DODARO Salvatore	Lima	10-03-88	86 PER
P DONNA César	Asuncion	26-02-88	71 PAR
P FAILLACE Luigi	Catania	16-03-88	84 ISI
P FAVRE Carlos	Montevideo	21-05-88	37 URU
P FRIEDRICH Victor	Bahia Blanca	17-04-88	71 ABB
P GAMBINO Vincenzo	Palermo	12-03-88	79 ISI
P GARCIA HERNÁNDEZ Serafin	Sincelejo	27-05-88	75 COB
P GEELEN Jozef	Etterbeek	05-04-88	69 BEN
P GODOY SAADEDRA Marino	Santiago	17-03-88	73 CIL
P GRYCHTOLIK Józef	Wroclaw	01-06-88	72 PLO
P GSCHOSSMANN Alois	Wien	08-04-88	80 AUS
D GUTIERRES GONZÁLEZ Ramon	Madrid	15-03-88	68 SLE
P HOLLERBACH Philip	Mannheim	10-05-88	82 GEM
P JACOBACCI Erminio	Bahia Blanca	14-04-88	74 ABB
P JANTOSKA José	Lima	26-02-88	80 PER
P JEGOU Joseph	Caen	10-03-88	78 FPA
P KUZAK Zygmunt	Kraków	19-03-88	87 PLS
P KWIOTEK Georg Antonius	Rheine	31-05-88	79 GEK
P LASKIEWICZ Jan	Lódz	06-03-88	69 PLE
P LUCHINO Luis	Córdoba	17-03-88	70 ACO
P MALAN Zbigniew	Wyszogród	18-05-88	29 PLE
P MANCINI Virginio	West Haverstraw	07-05-88	93 SUE

62 ATOS DO CONSELHO GERAL

NOME	LUGAR e DATA da morte	IDADE	INSP.	
P MANENTI Giacomo	Arese	11-04-88	72	ILE
P MARTORELLE Louis-Paul	Toulon	13-04-88	71	FLY
P MEDELLIN Paolo	Bogotá	12-04-88	80	COB
P MOSCATELLI Luigi	Arese	03-05-88	81	ILE
P PASCUAL GONZÁLEZ Isaac	Aguilar de Burba	03-04-88	51	SBI
P PERLA Rudolph Joseph	London	27-03-88	64	GBR
L PRESCIUTTI Domenico	Civitanova Marche	19-02-88	74	IAD
P PUSNIK Joze	Werzej	17-05-88	82	JUL
L RICCOBENE Giovanni	Caltanissetta	08-05-88	85	ISI
P RINDONE Rocco	Messina	30-03-88	49	ISI
L RIVAT Jean-Baptist	La Crau	29-04-88	84	FLY
L ROMITELLI Aldo	Roma	16-03-88	68	IRO
S RYMAR Jan	Wyszogród	18-05-88	24	PLE
P SÁNCHEZ MARTIN José	Sevilla	23-03-88	80	SSE
L SAVIOLI Sixto	Bahia Blanca	07-05-88	82	ABB
P SOMMACAL Antonio	Belluno	28-05-88	80	IVO
P STETTMAYER Emmanuel	Hobart-Tasmania	27-04-88	89	AUL
P SZOREK Maksymilian	Kopiec	09-06-88	81	PLO
P SZYMANSKI Florian	Smigiel	06-05-88	79	PLO
P TENTO Guido	Santiago	27-02-88	81	CIL
L TONINI Vincenzo	Lombriasco	03-04-88	65	ISU
P TOTH Pal	Mosonszolnok	11-03-88	60	UNG
P VERONA Silvano	Civitanova Marche	03-05-88	66	IAD
P VISCONTI Nicola	Torino	29-05-88	62	ICE
P VRATNIK Michal	Gdansk	21-02-88	76	PLN
P ZENAROLA Tarcisio	Udine	22-05-88	65	IME
P ZORKO Stefan	Ljubljana	20-03-88	72	JUL

Composição, fotolito e impressão das
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua da Mooca, 766 (Mooca)
Fone: (011) 279-1211 (PABX)
Telex: (011) 32431 ESPS BR
Caixa Postal 30.439
SÃO PAULO

